



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E  
TERRITÓRIO (ILATIT)**

**GEOGRAFIA – BACHARELADO**

## **MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS ÁRABES E DESTERRITORIALIZAÇÃO**

**HAIA AYMAN SHAHADEH**

Foz do Iguaçu  
2019



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E  
TERRITÓRIO (ILATIT)**

**GEOGRAFIA – BACHARELADO**

## **MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS ÁRABES E DESTERRITORIALIZAÇÃO**

**HAIA AYMAN SHAHADEH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto França da Silva Junior

Coorientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo

Foz do Iguaçu  
2019

HAIA AYMAN SHAHADEH

## **MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS ÁRABES E DESTERRITORIALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Doutor Roberto França da Silva Junior  
UNILA

---

Coorientador: Prof. Doutor Mamadou Alpha Diallo  
UNILA

---

Prof. Doutor Marcelino Teixeira Lisboa  
UNILA

---

Prof. Doutor Carlos Cassemiro Casaril  
UNILA

Foz do Iguaçu, 4 de dezembro de 2019.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Haia Ayman Shahadeh

Curso: Geografia-Bacharelado

| Tipo de Documento      |                                       |
|------------------------|---------------------------------------|
| (..X.) graduação       | (.....) artigo                        |
| (.....) especialização | (..X.) trabalho de conclusão de curso |
| (.....) mestrado       | (.....) monografia                    |
| (.....) doutorado      | (.....) dissertação                   |
|                        | (.....) tese                          |
|                        | (.....) CD/DVD – obras audiovisuais   |
|                        | (.....) _____                         |

Título do trabalho acadêmico: Movimentos Migratórios Árabes e Desterritorialização

Nome do orientador(a): Prof. Dr. Roberto França da Silva Junior

Data da Defesa: 04/12/2019

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, 04 de dezembro de 2019.

---

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todas as pessoas que  
sonham com um mundo repleto de cores.  
Mesmo em momentos sombrios, lembre-se  
de olhar para as estrelas.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe por estar sempre ao meu lado, me incentivando a ser uma pessoa melhor tanto na vida cotidiana quanto academicamente. Também, ao meu pai, que apesar de estar longe, sempre apoiou minhas decisões.

Às amigas que foram construídas ao longo do curso, principalmente à Izabelle Gusmão e à Vitória Calado pelos momentos inesquecíveis que marcaram a minha trajetória na universidade e pelo apoio emocional e moral.

Aos colegas de curso que sempre serão lembrados, especialmente à Mayara Sandei e ao Vinícius Fernandes.

Ao meu orientador, Roberto França da Silva Junior, por me mostrar os melhores caminhos para elaboração da pesquisa; ao professor Mamadou Alpha Diallo pela sua constante orientação; ao professor André Luís André pelas oportunidades acadêmicas; e um agradecimento especial para o professor Samuel Fernando Adami pela sua amizade.

E por fim, mas não menos importante, a todos os professores do curso de Geografia e aos professores da banca.

ليس في الغابات حزنٌ لا و لا فيها الهموم  
فإذا هبَّ نسيمٌ لم تجيءْ معه السموم  
ليس حزن النفس الأَظْلُ وهم لا يدوم  
و غيوم النفس تبدو من ثناياها النجوم  
خليل جبران، المواقب، ١٥ - ١٨

*Não há tristeza nas florestas e nem preocupações  
Se vier uma brisa, os venenos não vêm com ela  
A tristeza da alma é apenas uma sombra de uma  
ilusão que não dura  
e as nuvens da alma aparecem de dentro das  
estrelas*  
**Khalil Gibran, As Procissões, 15-18, traduzido pela  
autora.**

SHAHADAH, Haia Ayman. **Movimentos Migratórios Árabes e Desterritorialização**. 2019. 73 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

## **RESUMO**

A pesquisa tem como objetivo problematizar a homogeneização do Oriente Médio e dos migrantes árabes pelo Ocidente, no qual enfatiza-se o conceito de Orientalismo de Edward Said como ponto de partida para elaboração do trabalho. Os fluxos migratórios são analisados de acordo com os dados da ONU (Organização das Nações Unidas), em que se definiram os seguintes países como pontos de emissão: Líbano, Palestina, Jordânia, Egito e Síria, ou seja, são Estados Árabes que possuem um espaço fronteiro com Israel e, coincidentemente, apresentam um número relevante de migrantes. Para realização do trabalho, efetuou-se um levantamento bibliográfico, para em seguida, produzir mapas e gráficos de diferentes fontes. A generalização é feita no atual período geopolítico, a “globalização”, pela mídia ocidental. Diante disso, buscou-se efetivar um estudo crítico sobre a ocidentalização das informações em relação ao mundo islâmico que são elaboradas por especialistas orientalistas. Assim, o Oriente passa a ser visto como um “inimigo” do ocidente que constrói uma imagem mística desses povos, classificando-os como terroristas. Por último, aborda-se a integração dos árabes em Foz do Iguaçu, destacando a importância do espaço urbano para preservação da sua cultura e identidade, adquirindo uma característica multiterritorial na cidade média a partir da desterritorialização.

**Palavras-chave:** Imigração Árabe. Orientalismo. Geopolítica. Espaço Urbano. Foz do Iguaçu



SHAHADEH, Haia Ayman. **Movimientos migratorios árabes y desterritorialización**. 2019. 73 páginas. Trabajo de Conclusión del Curso de Geografía – Universidad Federal de Integración Latinoamericana, Foz do Iguazú, 2019.

## RESUMEN

La investigación pretende problematizar la homogeneización de Oriente Medio y de los migrantes árabes por parte de Occidente, en que se destaca el concepto de orientalismo de Edward Said como punto de partida para la elaboración del trabajo. Los flujos migratorios son analizados según datos de la ONU (Organización de las Naciones Unidas), donde se definieron los siguientes países como puntos de emisión: Líbano, Palestina, Jordania, Egipto y Siria, es decir, son Estados árabes que tienen frontera con Israel y, casualmente, presentan un número relevante de migrantes. Para llevar a cabo el trabajo, se realizó una encuesta bibliográfica, con el fin de producir mapas cartográficos y gráficos de diferentes fuentes. La generalización se hace en el actual período geopolítico, la "globalización", por los medios de comunicación occidentales. En vista de ello, se trató de realizar un estudio crítico sobre la occidentalización de la información en relación con el mundo islámico, elaborado por especialistas orientalistas. Así, Oriente es visto como un "enemigo" de Occidente que construye una imagen mística de estos pueblos, clasificándolos como terroristas. Finalmente, se aborda la integración de los árabes en Foz do Iguazú, destacando la importancia del espacio urbano para la preservación de su cultura e identidad, adquiriendo una característica multiterritorial en la ciudad media de la desterritorialización.

**Palabras clave:** Inmigración Árabe. Orientalismo. Geopolítica. Espacio Urbano. Foz do Iguazú

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> – Localização dos países que compõem o Oriente Médio.....   | 18 |
| <b>Figura 2</b> – População total dos países que compõem o Oriente Médio.....   | 21 |
| <b>Figura 3</b> – Dominação do Oriente Médio de acordo com o tratado de Sykes-Picot (1916). ..                              | 24 |
| <b>Figura 4</b> – Redução da distância marítima através do Canal de Suez.....   | 29 |
| <b>Figura 5</b> – Determinação dos seguintes países como pontos de emissão: Líbano, Síria, Jordânia, Palestina e Egito..... | 34 |
| <b>Figura 6</b> – Os cinco principais destinos de cada país (2000-2019).....  | 39 |
| <b>Figura 7</b> – Os três principais destinos da imigração árabe na América Latina (2000-2019)..                            | 52 |
| <b>Figura 8</b> – Localização da cidade de Foz do Iguaçu, <i>Ciudad del Leste</i> e <i>Puerto Iguazu</i> .....              | 55 |
| <b>Figura 9</b> – Localização das principais instituições e estabelecimentos gastronômicos árabes em Foz do Iguaçu. ....    | 59 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| <b>Gráfico 1</b> – Independência dos países do Oriente Médio.....                                       | 26 |
| <b>Gráfico 2</b> – Os principais conflitos geopolíticos no Oriente Médio (1956-).....                   | 32 |
| <b>Gráfico 3</b> – Religiões dos países escolhidos em 2015.....   | 36 |
| <b>Gráfico 4</b> – Taxa de desemprego nos países árabes (2010-2019).....                                | 41 |
| <b>Gráfico 5</b> – Número de imigrantes árabes nos Estados Unidos (2000-2019).....                      | 44 |
| <b>Gráfico 6</b> – O aumento da imigração síria após a Primavera Árabe.....                             | 45 |
| <b>Gráfico 7</b> – Número de imigrantes árabes no Brasil, conforme a nacionalidade (2000-2019)<br>..... | 54 |
| <b>Gráfico 8</b> – Crescimento populacional do município de Foz do Iguaçu (1960 à 2010).....            | 57 |

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Sírio e libaneses por estado segundo os censos populacionais de 1920 e 1940....51

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|      |   |
|------|---|
| CIA  | Central Intelligence Agency                     |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| UN   | United Nations                                  |

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO 1: A INFLUÊNCIA DO OCIDENTE NA DEMARCAÇÃO TERRITORIAL DO ORIENTE MÉDIO.....</b>                              | <b>18</b> |
| 1. 1. COLAPSO DO IMPÉRIO OTOMANO E A DOMINAÇÃO EUROPEIA DO ORIENTE MÉDIO.....  | 21        |
| 1. 2. CONFLITOS GEOPOLÍTICOS E O IMPERIALISMO COLETIVO NO ORIENTE MÉDIO: ESTRATÉGIAS HEGEMÔNICAS DOS ESTADOS UNIDOS..... | 27        |
| <b>CAPÍTULO 2: “GLOBALIZAÇÃO” DAS MIGRAÇÕES ÁRABES E DO ORIENTALISMO CONTEMPORÂNEO.....</b>                              | <b>33</b> |
| 2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS ÁRABES (2000-2019).....  | 36        |
| 2.1.1. Os impactos da Primavera Árabe e a situação geopolítica dos países.....   | 37        |
| 2.1.2. Principais destinos e motivos da imigração árabe.....   | 39        |
| 2.2. GENERALIZAÇÃO DO ORIENTE MÉDIO PELA MÍDIA: OCIDENTALIZAÇÃO DO TERRORISMO.....                                       | 46        |
| <b>CAPÍTULO 3: INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL ÁRABE NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: O CASO DE FOZ DO IGUAÇU/PR.....</b>       | <b>50</b> |
| 3.1. INTEGRAÇÃO DOS ÁRABES NO ESPAÇO URBANO DE FOZ DE IGUAÇU...54  |           |
| <b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>61</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>63</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>72</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho presente busca problematizar a ocidentalização do Oriente Médio e, conseqüentemente, dos fluxos migratórios árabes por agentes hegemônicos que controlam atualmente as relações de poder na região. Trata-se de uma análise que enfatiza a desterritorialização da força de trabalho e da identidade desses povos, na qual serão abordados os aspectos que impulsionaram a saída dos imigrantes de seus países para determinados destinos, bem como alguns fatores que facilitaram a sua integração na sociedade receptora. O processo de estabilização será investigado no Brasil, tendo como estudo de caso a cidade de Foz do Iguaçu, pelo fato de existir um número significativo de árabes e descendentes na cidade<sup>1</sup>.

Para realização deste projeto, primeiramente, foi necessário determinar as escalas geográficas e o período histórico. Com referência em Smith (2002), definiu-se as seguintes escalas: a global como a escala do capital financeiro e do mercado mundial, ou seja, trata-se de eventos que atingem diferentes países; a nacional como a de competição político-militar, que se divide em regiões de acordo com os aspectos econômicos e; a regional como a escala de reprodução social que articula diversos atores.

Segundo Castro (2000), as escalas geográficas são princípios estratégicos que facilitam a percepção da realidade, pois estes indicam o campo empírico da pesquisa, em outras palavras, os fenômenos que concedem sentido ao recorte espacial objetivado. Refere-se a um método analítico que dá visibilidade ao real, pois através disso, o pesquisador introduz a problemática do estudo, para então buscar entender a articulação dos agentes em diferentes escalas (CASTRO, 2000).

Em relação ao período histórico, determinou-se desde o início do século XX até os dias atuais, de acordo com a concepção de Braudel (1965), pois a relação espaço-poder se modifica ao decorrer do tempo. A questão é apontar as variáveis-chave que, em cada porção do tempo, orientarão o sistema de variáveis denominado de período, pois um elemento não se desenvolve sozinho e, nem é capaz de modificar-se sem levar consigo os demais na

---

1 “(...) em números gerais Foz do Iguaçu abrigue a segunda maior colônia árabe do Brasil (só perde para São Paulo)” (OLIVEIRA, 2014, Matraqueando).

direção de seu movimento (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

Além das escalas geográficas, decidiu-se utilizar como metodologia para o estudo presente, mapas e gráficos. Obviamente, para elaboração destes foi preciso efetuar um levantamento bibliográfico para compreensão do conteúdo a ser mapeado, em que destaca-se artigos científicos, livros, dissertações e notícias de jornais. A decisão de utilizar a linguagem cartográfica vai além de auxiliar os leitores a observar as diferentes visões da pesquisadora, mas também leva-os a pensar sobre a origem dos dados usados para analisar determinado evento. É essencial ter em mente que a cartografia pode ser vista como uma forma de conhecimento e de poder (HARLEY, 2009). Assim, os dados estatísticos foram obtidos a partir das seguintes fontes: *CIA (Central Intelligence Agency)*; *UN (United Nations)*; IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); Ipeadata entre outros.

A fim de relatar o tema central de cada capítulo, é essencial destacar antes de mais nada que árabe e islã não são sinônimos. A explicação sobre essa diferenciação é dada por Hussein; Hussein (1996), onde o termo “árabe” se refere à cultura da região denominada de mundo árabe, ou seja, aquela em que o idioma árabe é a língua oficial. O “islã”, por sua vez, diz respeito à religião muçulmana. Desse modo, nem todos os árabes são muçulmanos como também nem todos os muçulmanos são árabes, ou seja, existem povos, por exemplo, que são árabes, mas professam outras religiões.

No primeiro capítulo discute-se sobre a influência do ocidente na demarcação territorial do Oriente Médio, pois percebeu-se a existência de diversas concepções sobre o termo, as quais muitas vezes não são abordadas e tampouco problematizadas. Com isso, introduziu-se o conceito de Orientalismo de Said (1990), já que estamos diante de um Oriente orientalizado pelo ocidente. Diante disso, alguns marcos históricos e conflitos geopolíticos são analisados como, a queda do Império Otomano, a colonização europeia, independência dos Estados Árabes e a ascensão da hegemonia estadunidense por meio da doutrina Monroe. Todos esses eventos possuem variáveis que modificaram as relações de poder no Oriente Médio.

No segundo capítulo, enfatiza-se um estudo crítico sobre a “globalização” dos fluxos migratórios árabes, pois este nos deu a percepção de que estamos num mundo



independente e interconectado, mas, na verdade, as políticas que restringem a entrada de migrantes são constituídas cada vez mais. A partir dos dados da ONU (2000-2019), examina-se as dinâmicas da imigração na atual “crise de refugiados”, levando em consideração os seguintes países como pontos de emissão: Jordânia, Líbano, Síria, Palestina e Egito, ou seja, são Estados Árabes que fazem fronteira com Israel. Dessa forma, aborda-se os cinco principais destinos desses povos e os motivos pelo deslocamento para determinados destinos. Além do mais, para complementar a discussão do primeiro capítulo, investiga-se a ocidentalização do terrorismo e a generalização do Oriente Médio por especialistas orientalistas.

Por fim, no último capítulo, procurou-se evidenciar a de integração dos árabes no Brasil, sobretudo em Foz do Iguaçu. Para tanto, efetivou-se primeiramente uma contextualização histórica dessa presença no país, a fim de, posteriormente, entender as razões que os levaram a se estabelecer na cidade brasileira, onde construíram a sua identidade através de entidades culturais. Para compreender de forma mais eficaz a importância do espaço urbano neste processo, elaborou-se um mapa que mostra a localização dos principais estabelecimentos gastronômicos, das duas mesquitas e das instituições. Neste tópico a desterritorialização vai além da mão de obra, pois esses indivíduos não abandonaram as suas tradições, pelo contrário.

## CAPÍTULO 1: A INFLUÊNCIA DO OCIDENTE NA DEMARCAÇÃO TERRITORIAL DO ORIENTE MÉDIO

O Oriente Médio é uma região que abrange países localizados na confluência de três continentes: a África, a Ásia e a Europa. Ao realizar o mapeamento de identificação geográfica, encontrou-se diferentes concepções sobre quais Estados constituem parte dessa área, marcada por conflitos territoriais, geopolíticos, étnicos e religioso. Portanto, determinou-se englobar os seguintes países: Turquia, Síria, Irã, Iraque, Líbano, Kuwait, Palestina, Jordânia, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Omã, Israel, Arábia Saudita, Iêmen e Egito (Figura 1).

**Figura 1** – Localização dos países que compõem o Oriente Médio.



Fonte: ArcGis, Natural Earth. Elaborado pela autora.

Trata-se de pontos estratégicos por estarem situados em uma região delimitada pelos mares: Mediterrâneo, Vermelho, Árabe, Cáspio e Negro, bem como pelo

Golfo de Áden, Golfo de Omã e Golfo Pérsico. O fato de existirem diferentes processos de regionalização do Oriente Médio está associado aos interesses de cada pesquisador, que estabelece procedimentos específicos de demarcação territorial, com propósito de enfatizar determinados elementos que dão significado aos aspectos que se objetiva analisar.

Dessa forma, as suas representações espaciais não se baseiam necessariamente em princípios culturais ou religiosos, mesmo que a maioria tenha adotado como idioma principal o árabe, há aqueles que falam turco (Turquia), persa (Irã) e hebraico (Israel). Além disso, a região não é formada apenas por muçulmanos, mas também por cristãos e judeus. Portanto, os termos Mundo Islâmico, Mundo Árabe e Oriente Médio não são sinônimos, embora tenham várias vertentes em comum.

Essas preocupações em relação ao limite territorial geralmente não são problematizadas, uma vez que se baseiam num discurso de que existe uma única concepção do termo. Portanto, não existe uma “verdade absoluta”, Hourani (2006, p. 4), reforça essa afirmação ao dizer que:

Seria possível argumentar que o tema é demasiado grande ou demasiado pequeno: que a história do Magreb é diferente da do Oriente Médio, ou que a história dos países onde o árabe é a língua principal não pode ser vista isoladamente da de outros países muçulmanos. Mas temos de traçar algum limite, e foi aí que decidi traçá-lo, em parte devido aos limites de meu próprio conhecimento.

Em razão disso, optou-se, em primeiro lugar, delimitar a região para depois analisá-la. Segundo Özalp (2011), as definições do Oriente Médio se diferenciam de acordo com as relações de poder que se modificam ao decorrer do tempo, porém há algo em comum entre essas, visto que são elaboradas levando em consideração a perspectiva europeia, pois é a partir desse ponto geográfico que o Oriente se torna Médio, Próximo ou Distante.

Para Carr (1981, p. 135), quando o poder envolve dois ou mais Estados, imediatamente se torna político, “Embora não se possa definir a política exclusivamente em termos de poder, é seguro dizer-se que o poder é sempre um elemento essencial da política”. Desse modo, refere-se a um poder internacionalizado<sup>2</sup>, já que as mudanças geopolíticas nessas fronteiras foram efetuadas inicialmente para defender a soberania britânica e as esferas de influências estabelecidas pelos franceses, alemães e russos no final do século XIX e na primeira metade do século XX (EHLERS 1990, *apud* ÖZALP, 2011).

---

2 De acordo com Carr (2001, p. 148), “Pode-se dividir o poder político, na esfera internacional, em três categorias, para fins de discussão: a) poder militar, b) poder econômico, c) poder sobre a opinião”.

Trata-se de um Oriente inventado pelo Ocidente, ou seja, uma representação europeia da região, denominada de Orientalismo por Said (1990, p. 17), que define o Oriente como “uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente”. É uma ideologia de dominação, visto que a relação entre as duas entidades geográficas é uma relação de poder, apoiando-se e, em certa medida, refletindo-se uma à outra.

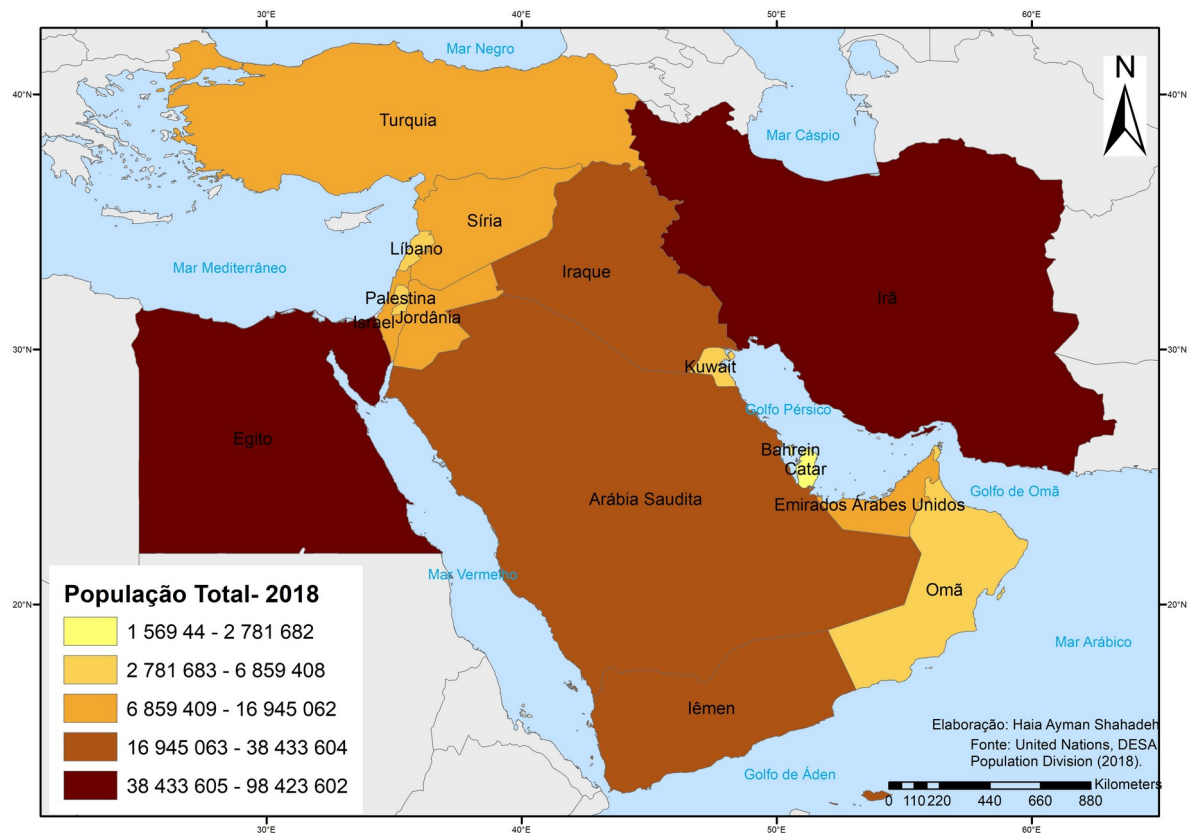
Assim, o Orientalismo expressa-se como uma noção que divide os europeus e os “não-europeus”, produzindo, dessa forma, uma superioridade cultural através de discursos hegemônicos sobre o Oriente, apontados como um conjunto de afirmações que fornecem uma linguagem particular sobre um determinado tópico (HALL, 1992). De acordo com Macedo (2006, p. 8):

(...) trata-se de uma invenção do Ocidente, ou seja, de uma criação discursiva da Europa, com o objetivo de (re)afirmar: a) sua superioridade frente às regiões designadas como orientais, tidas como atrasadas e deslocadas no tempo e espaço; b) a identidade homogênea das populações européias, diversa da dos povos não-europeus; c) a necessidade de definição de um determinado lugar através do reconhecimento da alteridade, isto é, do Oriente.

No entanto, essa intervenção ocidental é posteriormente liderada pelos Estados Unidos por meio de um projeto político pautado no poder militar que divide o planeta em regiões para serem controladas, em conjunto com seus aliados, revelando uma estratégia hegemônica situada no âmbito do imperialismo coletivo (AMIN, 2004). O Oriente Médio ocupa um lugar de destaque nesse projeto, devido às guerras “*made in USA*” que despertaram a opinião pública do mundo, sobretudo, dos governos europeus.

Para compreender de forma mais eficaz esse Oriente orientalizado pelo ocidente, é preciso, antes de mais nada, analisar a lógica do imperialismo e seus impactos territoriais, conforme os países definidos pela própria autora, que correspondem a uma área superior a 6.000.000 km<sup>2</sup>, com mais de 358 milhões de habitantes, segundo os dados de *United Nations*, em 2018 (Figura 2). Isso será realizado a partir dos conflitos que alteraram a ordem regional, desde o fim do Império Otomano até os dias atuais.

**Figura 2** – População total dos países que compõem o Oriente Médio.



Fonte: United Nations. DESA, Population Division (2018). Elaborado pela autora.

## 1. 1. COLAPSO DO IMPÉRIO OTOMANO E A DOMINAÇÃO EUROPEIA DO ORIENTE MÉDIO

Com o declínio do Império Otomano, em 1922, houve uma redefinição cartográfica e geopolítica do Oriente Médio, através de tratados estratégicos realizados pelos Aliados, no qual destaca-se o acordo secreto de Sykes-Picot (1916) e a Declaração de Balfour (1917). A primeira é chamada dessa forma, pois foi assinado pelo coronel britânico, Sir Mark Sykes, e pelo diplomata francês, François Georges-Picot (SCHIOCCHET, 2011).

O segundo, refere-se a uma carta do ministro britânico de Relações Exteriores, Arthur Balfour, enviada ao Barão Rothschild<sup>3</sup>, alegando defender a autodeterminação dos judeus, estabelecendo um lar a eles no território Palestino. Porém não indicava como seria realizado esse processo, gerando incertezas entre os árabes que já apresentavam uma certa desconfiança, pois desde no final do século XIX, um grande número

<sup>3</sup> Um dos principais líderes da comunidade judaica do Reino Unido.

de judeus começaram a chegar, com o propósito de repovoar “uma parte” da região, comprando suas terras e empregando nelas seus camponeses, substituindo, dessa forma, a mão de obra palestina (KHALIDI, 2010).

É importante abordar que os otomanos tinham se alinhado à Alemanha, na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com isso, o Reino Unido e seus Aliados, principalmente a França, buscaram apoio político entre grupos locais, no qual enfatiza-se as minorias étnicas que se organizaram para combater a burocracia estatal do Império Otomano, entre eles, estavam os armênios, os árabes e os judeus (SCHIOCCCHET, 2011). Os registros revelam que os ingleses negociavam com todos os grupos, prometendo muitas vezes as mesmas concessões sem que um saiba da negociação do outro.

Segundo Fromkin (2001), o apoio dos judeus foi garantido a partir da promessa de constituir um assentamento a eles, feita pelos sionistas ingleses que ocupavam cargos relevantes da burocracia britânica, ligados a Theodor Herzl<sup>4</sup>. Em relação ao apoio dos árabes, foi assegurado mediante a promessa de devolver seus territórios, dando origem à Revolta Árabe de 1916, liderada pelo Xerife Saíde Huceine ibne Ali (emir de Meca). Entretanto, o que prevaleceu foram os acordos, sobretudo, Sykes-Picot e Balfour, pois atendiam os desejos políticos dos governos europeus.

Essa revolta foi significativa para o nacionalismo árabe no início, pois os compromissos incluíam, entre outras coisas, o controle árabe da Palestina (KHALIDI, 1991). Contudo, esse momento histórico acabou beneficiando os Aliados, em dois aspectos: a) marcou o começo do desmembramento do Império Otomano no século XX; b) inaugurou uma era de relações extremamente estreitas entre a Grã-Bretanha e aqueles que vieram a governar a Transjordânia e partes da Arábia Saudita, incluindo o Iraque (KAMRAVA, 2005).

As esferas de influências foram estabelecidas a partir do tratado de Sykes-Picot (1916), para atender, a princípio, os interesses dos britânicos, visto que os franceses receberam menos do que havia sido acordado, e os russos só foram autorizados a manter o que já haviam ocupado antes da guerra (FROMKIN, 2001). Desse modo, a região que estava dominada pelo antigo império se fragmentou em novos Estados totalmente artificiais e comandados de modo arbitrário, provocando diversos conflitos geopolíticos que persistem até hoje.

Costa (1992), analisa a geopolítica de diversas formas, segundo o interesse de cada autor, como Mahan, Kjéllen, Mackinder e Haushofer, no qual percebeu-se que o

4 Considerado pai do moderno sionismo político.

termo é inspirado em princípios que conduzem alguma forma de dominação, articulando ações estratégicas que se expressam nas relações de poder entre o território e o Estado. Sendo assim, de acordo com Haesbaert (2003), o território é visto como um espaço controlado e delimitado pelo poder político do Estado.

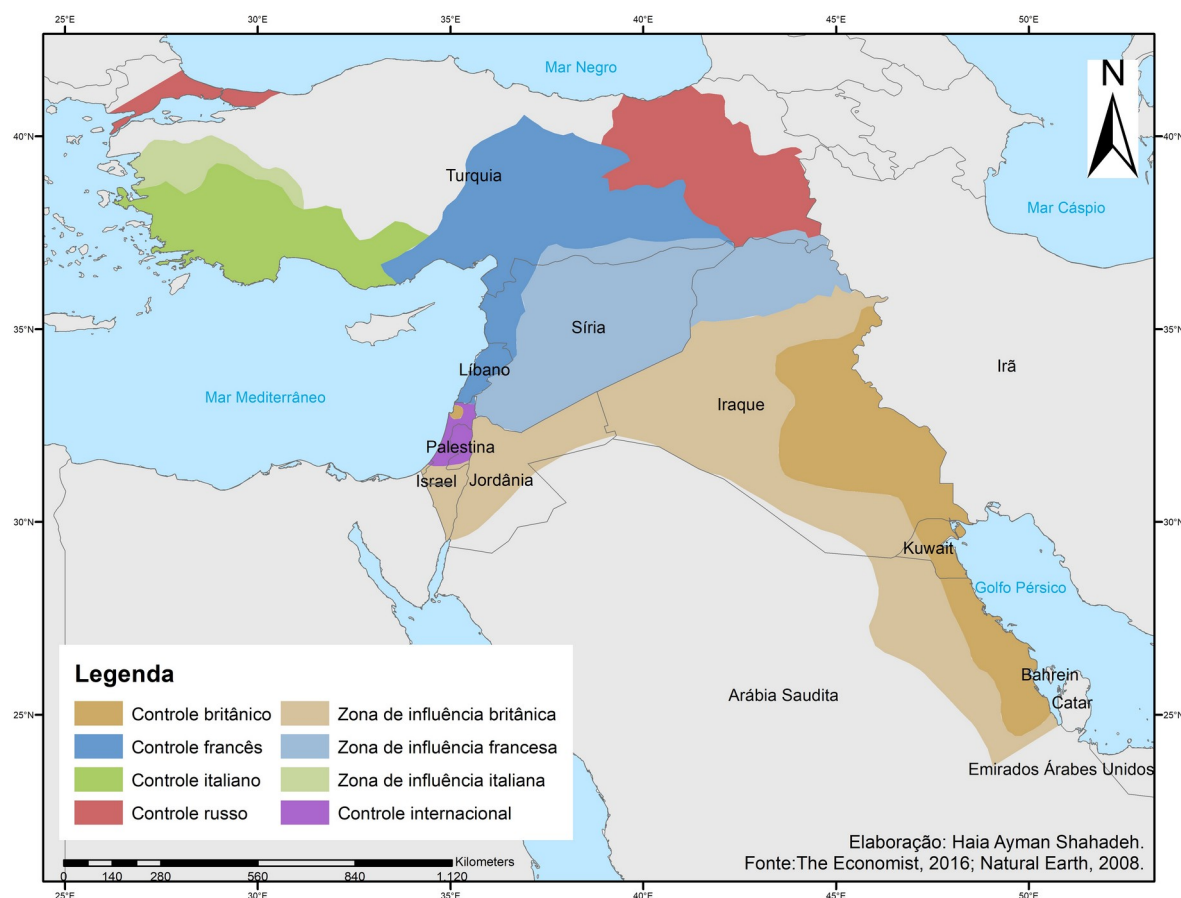
De acordo com Kamrava (2005), o interesse da França pelo Oriente Médio está associado à duas motivações: a competição com outras potências europeias, como a Grã-Bretanha e a Alemanha; e a proteção dos cristãos da região. No que diz respeito à concorrência com seus vizinhos europeus, os franceses ficaram preocupados, assim como os britânicos, pela construção alemã da Ferrovia de Bagdá em 1903, pois a maioria dos seus interesses giravam em torno dos investimentos comerciais. Em razão disso, as duas potências decidiram cooperar em vez de competir.

Desse modo, esse acordo foi importante, em ponto de vista ocidental, para manter a “Paz” na Europa, pois a principal preocupação das potências europeias no início do século XX, além da situação econômica abordada, se baseava no discurso de que o colapso do Império Otomano poderia gerar diversos conflitos entre eles, o que modificaria o equilíbrio de poder no continente (ROCHA, 2018). Diante disso, esses atores hegemônicos buscaram se prevenir de tal hipótese, compartilhando um interesse coletivo: a administração dos territórios do Oriente Médio, realizada da seguinte forma (KAMRAVA, 2005, p. 40):

Consequently, Greater Syria, which included southwestern Turkey in the north and Lebanon in the west, along with parts of northern Iraq, was to become the sphere of influence of France. Britain was to gain control over Iraq, the Arabian peninsula, and Transjordan. Palestine was subject to an international regime. To ensure their support for the Allied cause, Italy was promised southern Anatolia, and Russia was to obtain control over Istanbul, the strategically important Bosphorus Straits, and parts of eastern Anatolia.

Compreende-se que houve um mandato internacional sobre o território palestino; o litoral da Síria, do Líbano e do sul da Turquia passam a ser controlados pela França; o norte do Iraque e grande parte do território sírio foram introduzidos na zona de influência francesa; o controle britânico se estendia de Bagdá (capital do Iraque, hoje) até o Kuwait, além de envolver uma faixa estreita que associa o Kuwait ao sudeste da Península Arábica; já a zona de influência britânica possuiu-se a parte sul da palestina, Jordânia, oeste do Iraque e a Península Arábica (Figura 3). Assim, essa configuração territorial propiciava o desarranjo identitário da região (ROCHA, 2018).

**Figura 3 – Dominação do Oriente Médio de acordo com o tratado de Sykes-Picot (1916)**



Fonte: The Economist, 2016; Natural Earth, 2008. Elaborado pela autora.

Segundo Fromkin (2001), a diplomacia da Grã-Bretanha no Oriente Médio se baseava em três objetivos inter-relacionados: garantir o seu domínio sobre a sua principal colônia, a Índia, especialmente contra possíveis invasões da Rússia, por isso o mandato francês sobre o território sírio era bem-visto pelos britânicos, pois o protegeria em caso de guerra. Além disso, o controle da região tornaria a rota marítima mais curta da Índia para a marinha britânica, através do Canal de Suez<sup>5</sup>.

Diante disso, entende-se que com a ruína do Império Otomano, as províncias árabes passam a ser controladas pelos europeus, estimulando, mais tarde, o surgimento do nacionalismo árabe (HOURANI, 2006). Esse processo se fortaleceu após dois acontecimentos históricos: a descoberta do acordo de Sykes-Picot, graças a Revolução Russa de 1917, pois foi o Lênin que tornou o tratado público, provocando uma enorme insatisfação

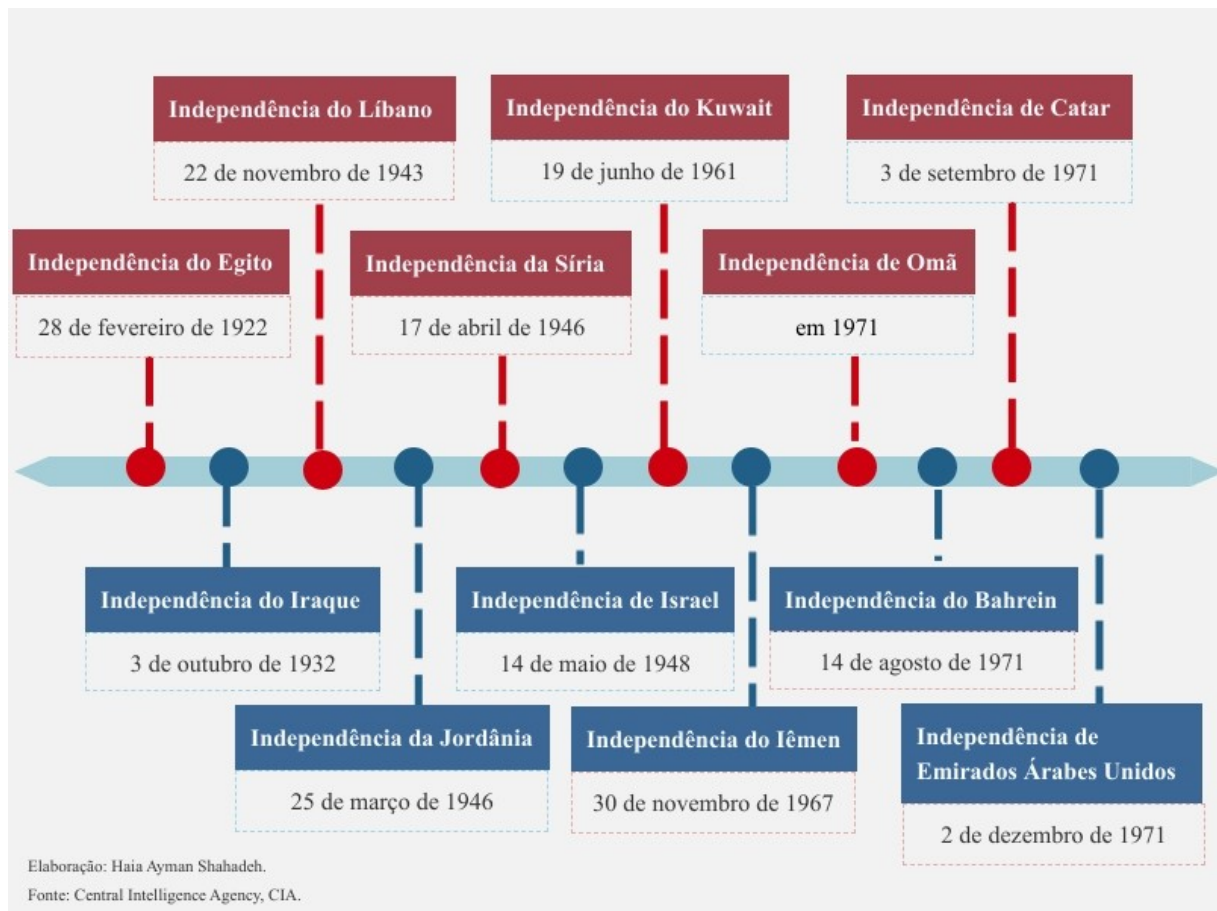
5 O navio britânico levaria apenas quarenta dias para navegar da Inglaterra para a Índia através do Canal de Suez em comparação com cinco meses a outra rotação (FROMKIN, 2001).



aos líderes árabes, que aguardavam o cumprimento das promessas efetuadas a eles por T. E. Lawrence, totalmente diferentes (MANSFIELD, 1973, *apud.* SCHIOCCHET, 2011). O segundo seria a criação do Estado de Israel na Palestina em 1948.

Assim, após o primeiro evento, ocorreu-se diversas revoltas que se iniciaram no Egito, com exigências de independência em 1918, seguidas de tumultos em 1919. Na mesma época, a política britânica começou a desmoronar. Era possível acreditar que foi apenas “a má sorte” que causou um conflito após o outro na região, como por exemplo: a desordem na Transjordânia devido à rebelião dos árabes contra os judeus no oeste da Palestina, em 1920 (FROMKIN, 2001). Entretanto, ao decorrer do tempo, os países do Oriente Médio conseguiram conquistar a independência, porém sem deixar de lado os interesses dos colonizadores.

Segundo Hourani (2006), esses países alcançaram a independência, manipulando as forças políticas, tanto internas como externas, através de negociações aparentemente pacíficas, apesar das perturbações populares. Portanto, “o poder nos novos estados independentes foi num primeiro momento para as mãos de famílias dominantes ou elites intelectuais, que tinham tido a posição social e a habilidade política necessária durante o período de transferência de poder.”(HOURANI, 2006, p. 290). Para compreender a criação dos Estados do Oriente Médio, conforme os períodos históricos, elaborou-se o seguinte gráfico:

**Gráfico 1 – Independência dos países do Oriente Médio**

Fonte: Central Intelligence Agency, CIA. Elaborado pela autora.

Nota-se que a “libertação” do controle europeu se iniciou em 1922 e foi até 1971. Em relação ao Egito, a independência veio com quatro condições: controle do canal de Suez e outros interesses britânicos; controle sobre a política externa e defesa egípcia; e o direito de proteger as minorias religiosas (KAMRAVA, 2005). O Egito foi um dos primeiros a se tornar independente, mas a essência dessa independência estava longe de ser completa. Segundo Schiocchet (2011, p. 53), “De forma geral, os árabes desde o início não aceitaram este novo Oriente Médio moldado por mãos europeias e interesses de elites locais”.

Dessa forma, compreende-se que as fronteiras foram criadas sem levar em consideração os aspectos históricos e culturais de cada região, tornando claro que essas serviram para atender os interesses dos conquistadores. Portanto, praticamente todos os conflitos no Oriente Médio possuem alguma motivação e/ou inspiração neste processo colonizador. Desse modo, a fronteira deve ser entendida muito mais como uma zona do que

uma linha artificial, pois refere-se a uma área que se destina às interpenetrações e às separações entre os Estados, assumindo um conteúdo econômico e político (COSTA, 1992).

Grande parte dos países foram reconhecidos entre o final da década 40 e o final da década de 60. É quando começa a surgir novos nacionalistas, a maioria deles militares que possuíam objetivos mais grandiosos do que os antecessores: alcançar o poder sem a condescendência europeia, em outras palavras, requeriam o fim da dominação britânica e francesa sobre seus territórios, exigindo uma nova ordem regional, onde os Estados árabes seriam independentes politicamente e economicamente (FERABOLLI, 2005).

Para compreender o impacto dessas exigências, busca-se ressaltar alguns eventos que sucederam durante e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no qual destaca-se o mais relevante, a transferência do poder hegemônico. Segundo Harvey (2004, p.12), a “Grã-Bretanha cederá o poder global aos Estados Unidos, e o mapa do mundo começava a mudar de cor à medida que avançava a descolonização”. A partir disso, o controle do Oriente Médio passa a ser visto como uma estratégia geopolítica do capitalismo internacional estadunidense.

## 1. 2. CONFLITOS GEOPOLÍTICOS E O IMPERIALISMO COLETIVO NO ORIENTE MÉDIO: ESTRATÉGIAS HEGEMÔNICAS DOS ESTADOS UNIDOS

Uma nova orientação do Oriente Médio foi confirmada, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial, isso significa que houve um novo mapeamento da região, mas os cartógrafos são agora os estadunidenses. A dominação do Oriente Médio ganhou uma nova projeção, popularizando-se nas mídias, nas escolas, nas universidades e nos centros de estudos especializados (BRAGA *et al.*, 2012). Sendo assim, a elaboração da pesquisa presente, utilizado dados da *CIA (Central Intelligence Agency)* e concepções de diferentes autores, não foi por acaso.

A independência dos Estados Árabes, especialmente a partir da década de 1940, não aboliu totalmente a possível intervenção das potências europeias, gerando uma instabilidade política na região (ZAHREDDINE; TEIXEIRA, 2015). Logo após o término da guerra, o Oriente Médio voltou a entrar em conflito pela partição forçada da Palestina, com a fundação do estado de Israel em 1948, indicada durante uma Assembleia Geral da ONU (SCHIOCCHET, 2011). Naquela época, a atuação da Grã-Bretanha estava desaparecendo

rapidamente, um fato dramaticamente confirmado pela Crise de Suez em 1956.

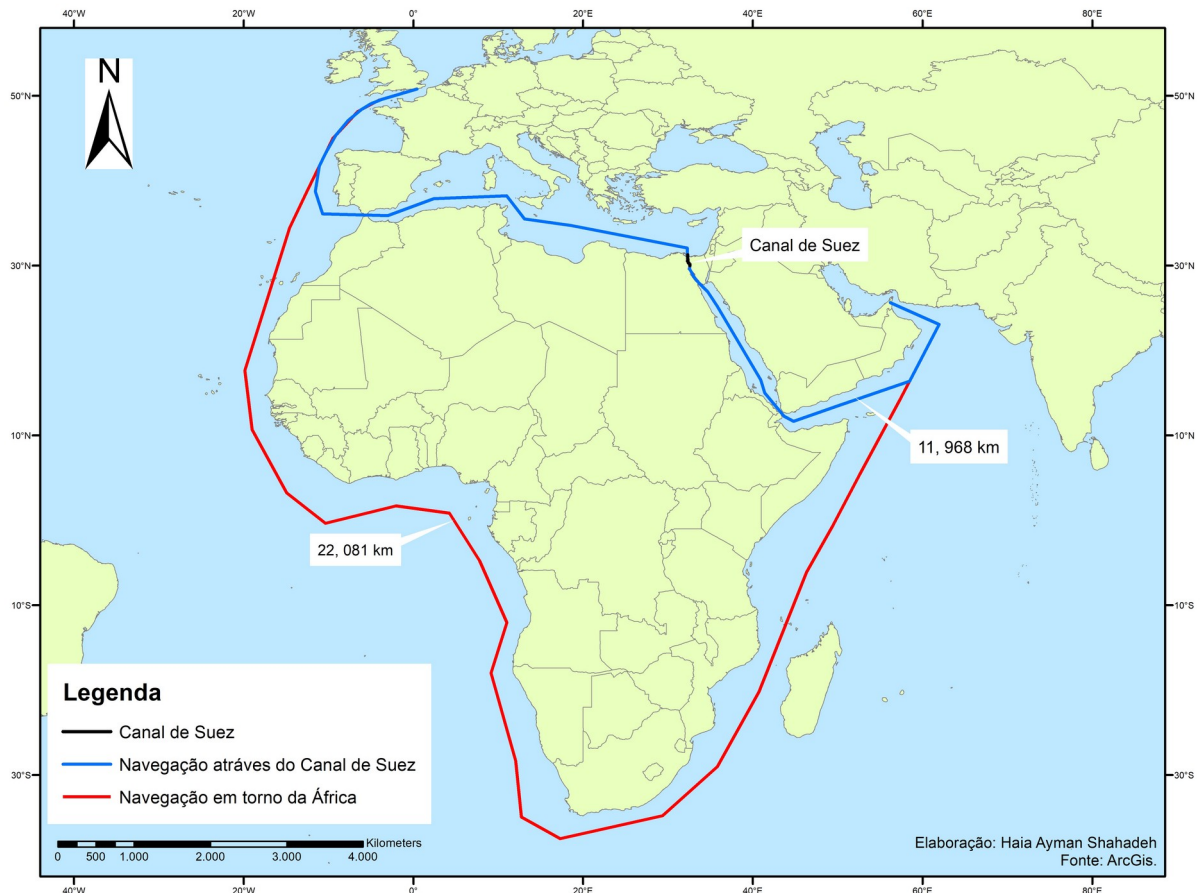
Em meados da década de 1950, os países que estavam sob o domínio francês conseguiram alcançar a independência. O Reino Unido ainda controlava uma parte da Península Arábica, mas essa influência é substituída pelos EUA, com a descoberta do petróleo e, conseqüentemente, a sua exploração (HOURANI, 2006). Além disso, com a ascensão do Presidente Gamal Abdel Nasser ao poder em 1954, as relações com a Grã-Bretanha se tornaram mais complexas, pois o militar egípcio possuía um forte apelo aos sentimentos dos árabes, principalmente dos palestinos e, por essa razão, era visto por Israel como uma ameaça à sua posição. Essa preocupação se tornou mais evidente com a nacionalização do Canal de Suez (ZAHREDDINE; TEIXEIRA, 2015).

O motivo pelo qual o governo egípcio nacionalizou a companhia do Canal está associado ao compromisso de um possível auxílio financeiro dado pelos Estados Unidos em algum momento, pois mais tarde retiraram essa oferta (HOURANI, 2006). De acordo com Neto (2012), trata-se de uma via marítima que liga o Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico, onde o petróleo era transportado para ser consumido no continente europeu, evitando, assim, a imposição de contornar o continente africano, como é apresentado na Figura 4.

Essa passagem era e ainda é altamente estratégica, visto que no período pós-Segunda Guerra, os europeus necessitavam de diversas mercadorias para reconstrução de seus países. Desse modo, “diante dos potenciais efeitos econômicos para a já combalida Europa, em especial para Grã-Bretanha e França, a ação de Nasser foi vista como um ato de guerra, suficiente para que houvesse uma ação militar”(NETO, 2012, p. 88).

Em vista disso, os israelenses viram uma oportunidade de enfraquecer um Estado hostil e todo-poderoso militarmente, cuja fronteira com eles havia sido transtornada por algum tempo (HOURANI, 2006). A resposta dos ingleses responsáveis pela administração do canal foi uma intervenção militar, realizada em 1956, contra o Egito, com apoio da França e de Israel, que pretendiam derrubar o governo de Gamal Abdel Nasser (ZAHREDDINE; TEIXEIRA, 2015).

**Figura 4 – Redução da distância marítima através do Canal de Suez.**



Fonte: ArcGis. Elaborado pela autora.

Essa ação não ameaçava apenas o Egito e a autonomia dos países árabes, mas também os interesses dos Estados Unidos e da União Soviética (1922-1991), que exigiram a retirada das forças europeias. Pode-se dizer que a II Guerra Mundial modificou a estrutura de poder no mundo, com a emergência dos EUA e da URSS como superpotências e, o fim do domínio francês e britânico do Oriente Médio (HOURANI, 2006). Assim, os atores que lideraram os conflitos regionais na Primeira Guerra Mundial são substituídos por outros dois “novos”, havendo, dessa forma, uma transição de ordem mundial da multipolaridade para a bipolaridade (ZAHREDDINE; TEIXEIRA, 2015).

O interesse desse “novo” agente na região se intensificará cada vez mais, secretamente e abertamente, como resposta à crescente influência da União Soviética, desencadeando um conflito político-ideológico, a Guerra Fria (1947-1991). Com a criação do Estado de Israel, muitos se aproximaram da segunda potência, principalmente aqueles que

possuíam inspirações anti-imperialistas e/ ou tendências nacionalistas que foram considerados como “ameaça” pelo Ocidente, especialmente pelos EUA (SCHIOCCHET, 2011). Desse modo, o islamismo ainda não era visto como uma “ameaça”, mas sim o pan-arabismo.

A partir disso, os Estados Unidos aplicará a doutrina Monroe para enfraquecer a URSS e os regimes nacionalistas no Oriente Médio, afirmando de vez a sua hegemonia. Segundo Amin (2004), trata-se de um projeto desmesurado e criminoso, criado por uma classe dominante para atender os “interesses nacionais”, dando a eles o “direito” exclusivo de gerir o planeta militarmente. Atualmente, o mundo está sendo dividido em regiões a serem controladas, promovendo conflitos geopolíticos para manutenção da economia estadunidense que é baseada na exportação de armas e na exploração do petróleo.

Para Raffestin (1993, p.199), “A geopolítica vê o poder territorial hierarquizado (...) É, de fato, uma concepção militar do poder”. Desse modo, “estaríamos entrando em uma nova ordem geopolítica, que poderíamos denominar de ordem da globalização militarizada” (CAIRO, 2008, p. 221). As guerras são agora manipuladas para fortalecer militarmente um país ou, para impedir que o outro se torne mais forte, a ponto de encontrar uma justificativa para tal ação (CARR, 1981). Portanto, não podemos isolar o poder econômico do poder militar, e nem o militar do econômico, pois ambos “são partes integrantes do poder político; e, a longo prazo, um não pode sobreviver sem o outro” (CARR, 1981, p. 171).

Para afirmar essa ideologia de dominação, foi necessário criar uma certa “afinidade” com algumas potências para eliminar a probabilidade de uma possível competição imperialista. Assim, os países europeus acabaram se tornando parceiros dos Estados Unidos e do seu projeto militar. Compreende-se que houve uma grande transformação em relação às formas do imperialismo: acolhimento de um imperialismo coletivo que busca associar todos os centros do sistema capitalista (AMIN, 2004).

O Oriente Médio ocupa uma posição importante na atual geopolítica e, singularmente, no projeto hegemônico dos EUA, no qual destaca-se a sua riqueza em petróleo e a sua localização geográfica no coração do Velho Mundo como fatores geoestratégicos (AMIN, 2004). O petróleo está sendo garantido através do controle político da região, transformando os regimes nacionalistas em ditaduras vazias de esperança. Para justificar essa interferência externa, formou-se uma concepção imaginada do Oriente Médio, generalizando seus povos, exceto Israel, para serem percebidos como inimigos do Ocidente (SCHIOCCHET,

2011).

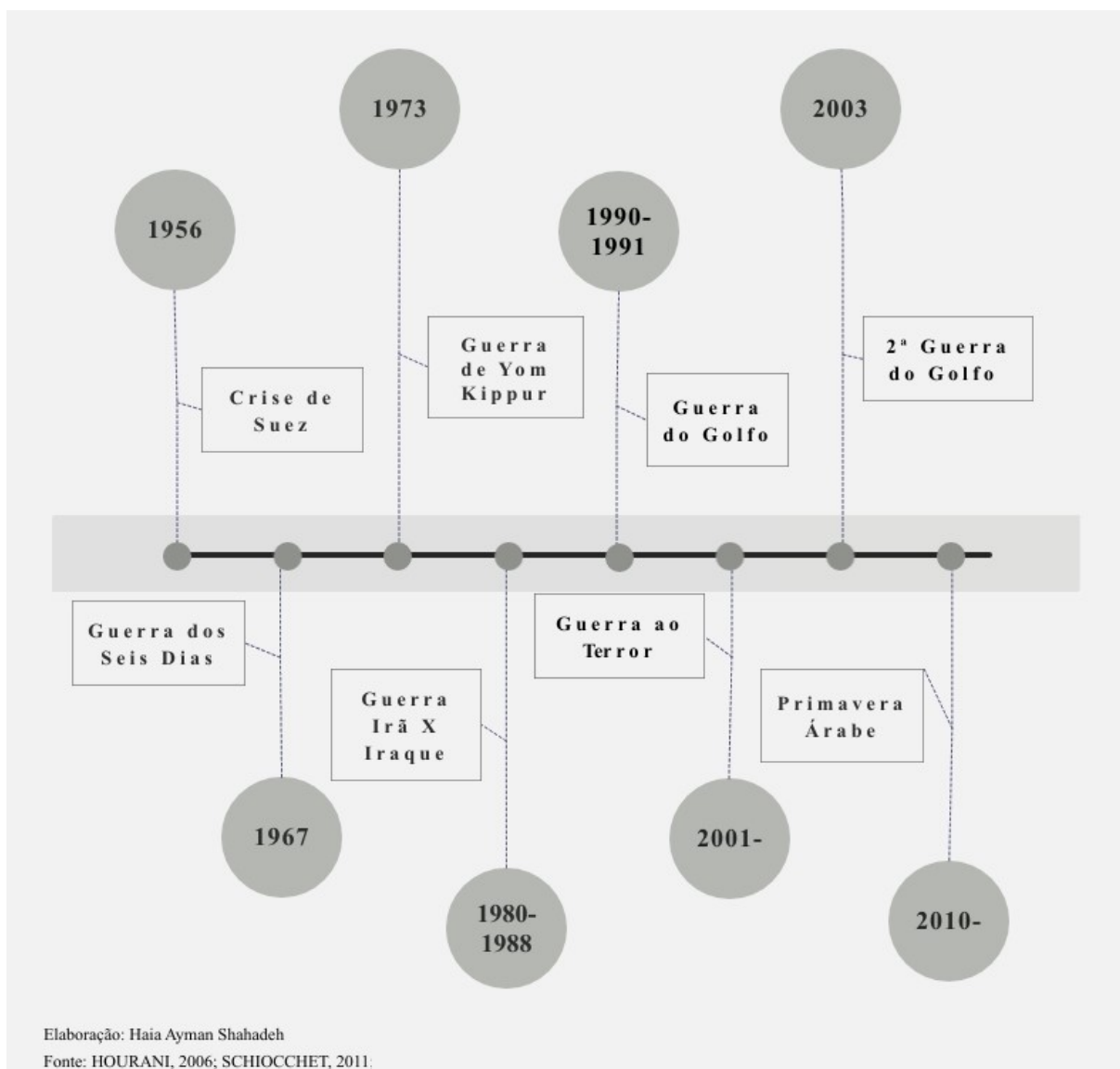
De acordo com Hourani (2006), essa influência ocidental está diretamente associada aos conflitos atuais entre os modernistas e os tradicionalistas Islâmicos, ou seja, à bipolarização das relações internas do Oriente Médio. Por um lado, encontra-se os colaboradores, que tentam adotar as ideias, os modelos e os métodos europeus como base para a concepção de uma “civilização moderna”. Por outro lado, os resistentes, que buscam resgatar as tradições do islamismo e do arabismo e, assim são contra as instruções do poder europeu. Isso contribuiu para formação de grupos transnacionais como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico.

Segundo Vaz (2016), a ideia de um Oriente Médio “atrasado” politicamente e culturalmente foi oficialmente concretizada, sobretudo, após os atentados de 11 de setembro de 2001, contra os EUA, quando o presidente George W. Bush implementou a ideologia do mundo segmentado entre o “Eixo do Mal” (Coreia do Norte e os Países muçulmanos) e o “Eixo do Bem” (EUA e aliados). Diversas batalhas foram realizadas a partir desse discurso hegemônico que alega atingir a paz mundial, mas, na verdade, desempenha outra função, pois “toda guerra norte-americana ao terror é um exercício de imperialismo” (HARVEY, 2004, p. 13).

O interessante do posicionamento estadunidense em relação aos países designados como financiadores do terrorismo internacional e, conseqüentemente, pertencentes ao “Eixo do Mal”, é que eram de fato regimes contrários à presença ativa dos EUA na política regional, como: Iraque, Irã e Síria que coincidentemente, apresentavam uma certa resistência à intervenção ocidental na região (ZAHREDDINE; TEIXEIRA, 2015). Os principais conflitos que modificaram a estrutura geopolítica do Oriente Médio são abordados no gráfico 2.

Entende-se que desde a queda do Império Otomano, houve uma constante influência do Ocidente, seja devido à ideologia política, colonialismo, zona de influência, intervenção militar entre outros fatores (SCHIOCCHEIT, 2011). Portanto, “o Oriente que aparece no orientalismo (...) é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental” (SAID, 1990, p. 209).

**Gráfico 2** – Os principais conflitos geopolíticos no Oriente Médio (1956-2019).



Fonte: HOURANI, 2006; SCHIOCCHET, 2011. Elaborado pela autora.

Atualmente, estamos presenciando uma das maiores crises migratórias causadas em grande parte por conflitos regionais e políticos, que se intensificaram com a eclosão da Primavera Árabe em 2010. A situação mais grave é a da Síria que se iniciou com protestos contra o governo Bashar alAssad, que pôs como resposta mais repressão, provocando, assim, uma Guerra Civil e, ao mesmo tempo, uma disputa de poder entre a Rússia e os EUA. Diante disso, pretende-se analisar as migrações árabes no período contemporâneo, realizando um estudo crítico em relação à homogeneização desses povos pela mídia ocidental.



## **CAPÍTULO 2: “GLOBALIZAÇÃO” DAS MIGRAÇÕES ÁRABES E DO ORIENTALISMO CONTEMPORÂNEO**

No atual período, os fluxos migratórios tornaram-se globais, o que significa que não estão mais restritos às cidades próximas ou à capital de um país vizinho, pois seu horizonte é o mundo (MARTINE, 2005). Entende-se que essa nova ordem geopolítica, a “globalização”, trouxe a ideia de um mundo interconectado e interdependente, projetando uma concepção de uma cidadania transnacional, porém essa perspectiva tem funcionado efetivamente para o mercado, ao possibilitar a internacionalização do capital, já que estamos diante de um sistema de segurança e de defesa que busca se reforçar progressivamente (SILVA; UGOSKI; DRAVANZ, 2017).

A economia se globalizou, com corporações transnacionais e gigantes financeiros operando em escala mundial, enquanto os governos continuam sendo em grande parte nacionais e impotentes frente aos fluxos econômicos dominantes. Os instrumentos políticos de regulação permanecem fragmentados em cerca de 200 países que constituem o nosso planeta político realmente existente. Com a desorganização que disso resulta, populações inseguras buscam soluções migrando ou apoiando movimentos reacionários que julgávamos ultrapassados. (DOWBOR, 2017, p. 10).

Trata-se de uma metáfora, pois não é o espaço geográfico que se globalizou, mas uma quantidade pequena de homens e de empresas que unificam o mundo manuseando ideologias hegemônicas. Esse processo está sendo realizado graças às evoluções tecnológicas que têm proporcionado a emergência de novas formas de mobilidade entre regiões, países e continentes geograficamente distantes, tornando o conceito de migração mais complexo (RESSTEL, 2015).

Geralmente, os fenômenos migratórios são superficialmente conceitualizados como a deslocação de pessoas de um país para outro durante um determinado período de tempo (origem-destino). Essa definição exclui a complexidade desses movimentos, a começar pelas motivações muitas vezes generalizadas; pelo volume dos fluxos; pelas rotas que seguem e pelos princípios globais que se impõem (NOLASCO, 2016).

A migração pode ser dividida em dois movimentos: “migração interna”, que seria a formação do fluxo dentro de um mesmo país e, a “migração externa” ou internacional, que ocorre entre continentes ou países diferentes, em que o ponto de partida e a de chegada são caracterizados como “emissão” e “recepção” (RESSTEL, 2015).

Para a pesquisa presente, destaca-se o segundo movimento migratório, no qual definiu-se os seguintes países como pontos de emissão: Jordânia, Líbano, Síria, Palestina e Egito. Observa-se que esses Estados árabes possuem um espaço fronteiriço com Israel, como mostra a Figura 5 e, coincidentemente, apresentam um número relevante de imigrantes no atual cenário geopolítico.

**Figura 5** – Determinação dos seguintes países como pontos de emissão: Líbano, Síria, Jordânia, Palestina e Egito.



Fonte: ArcGis; Natural Earth. Elaborado pela autora.

Para realização da análise, determinou-se o espaço (Figura 5) e o tempo, desde o início do século XXI até 2019, devido à disponibilidade dos dados obtidos de *United Nations*. As duas variáveis possuem uma expressão social, não só nas consequências que a mobilidade provoca, mas também nas causas micro e macro que especificam os fluxos migratórios; nas condições de tomada de decisão; no estado jurídico de cada migrante; no perfil socioprofissional dos que migram; nas viagens individuais dos que deixam seu país,

entre outras formas e situações sociais de migração (NOLASCO, 2016).

Trata-se de movimentações que podem ser temporárias ou permanentes, conforme a definição da ONU (1998):

(...) an international migrant is someone who changes his or her country of usual residence, irrespective of the reason for migration or legal status. Generally, a distinction is made between short-term or temporary migration, covering movements with a duration between three and 12 months, and long-term or permanent migration, referring to a change of country of residence for a duration of one year or more.

Em relação a tomada de decisão, encontra-se duas categorias: migrações voluntárias e involuntárias (NOLASCO, 2016). A primeira envolve os “imigrantes econômicos”, ou seja, aqueles que migram sem qualquer tipo de restrição oficial, buscando melhores condições de vida. A segunda refere-se à imigração forçada, no qual enfatiza-se os “refugiados” que são obrigados a migrar por motivos religiosos, políticos, ambientais entre outros. Esses não desejam se regressar pelas mesmas razões que os fizeram partir (MATOS, 1993).

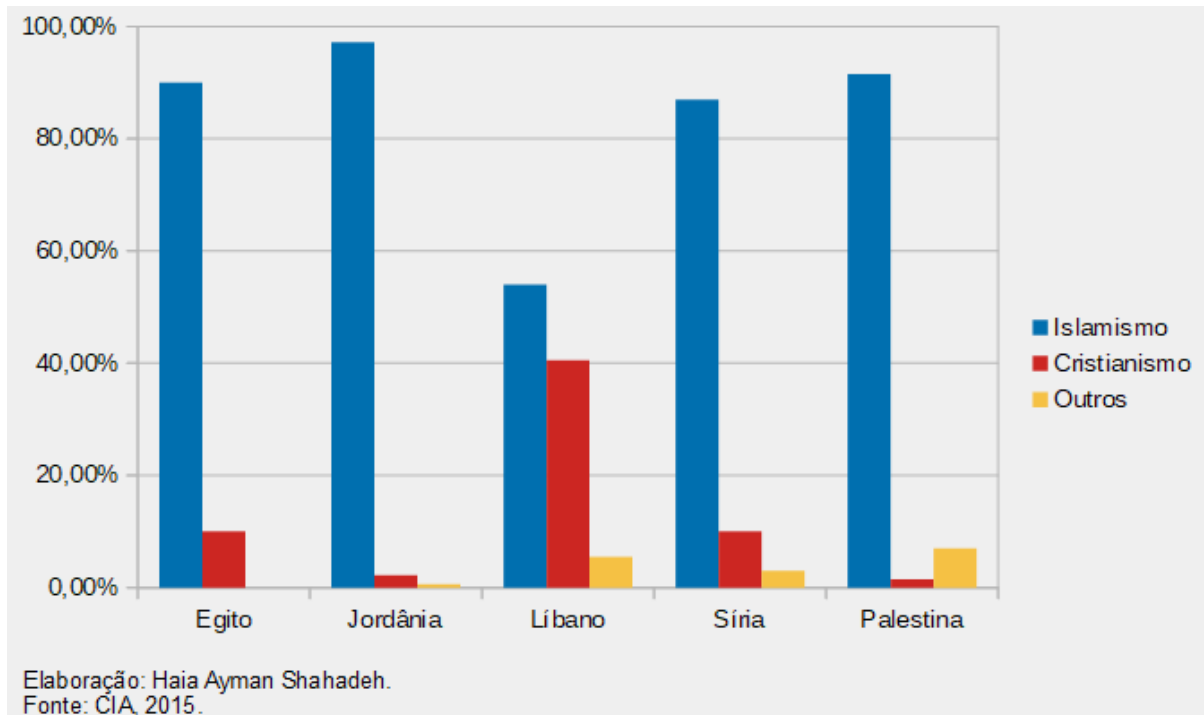
Observa-se que o processo migratório ocorre por motivos diferentes, no qual deve levar em consideração a situação socioeconômica de cada migrante e do seu país de origem, uma vez que alguns têm a opção de escolher o local de destino e outros não. Ainda assim, só podem atravessar a fronteira com passaporte ou visto, o que significa que as oportunidades econômicas e os novos meios de transporte são distribuídos de forma seletiva e desigual no espaço geográfico (REIS, 2004).

Segundo Barbosa (2010, p. 39), “as fronteiras se abrem para o fluxo de capitais e mercadorias, mas a abertura é mais estreita em se tratando de migrantes”. Em outras palavras, embora os obstáculos à circulação de capitais sejam reduzidos, as restrições à livre circulação de pessoas aumentaram e não há sinais de que haverá uma mudança na política de entrada de migrantes. Em muitos países, há um alinhamento civil e político contra a imigração internacional que utiliza vários argumentos para justificar essa ação, desde ameaças à segurança até a hipótese de substituir a força de trabalho local por outra mais barata (BARBOSA, 2010).

Portanto, a “globalização” promove essas desigualdades segundo os interesses dos atores hegemônicos que tomam decisões e causam impactos, fazendo com que esse fenômeno não seja mais um jogo anônimo. Diante disso, pretende-se analisar os fluxos migratórios, conforme os países definidos pela autora, buscando entender as razões de cada

deslocamento sem homogeneizá-los como muitos pesquisadores concebem, pelo fato de serem países árabes de maioria muçulmana (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Religiões dos países escolhidos em 2015.**



Fonte: CIA, 2015. Elaborado pela autora

## 2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS ÁRABES (2000-2019)

Os fluxos migratórios não podem ser analisados considerando somente as motivações dos indivíduos ou as políticas de imigração isoladamente, mas é necessário entender o deslocamento a partir da interação dos dois, questionando a interferência de diferentes fatores ligados aos atores que estão envolvidos nos processos migratórios (TRIANDAFYLLIDOU, 2017). Diante da atual “crise de refugiados”, o equilíbrio entre os dois aspectos torna-se instável, especialmente na decisão de migrar, dada a urgência das condições que impulsionam a fuga imediata (OLIVEIRA; PEIXOTO; GÓIS, 2017).

A Primavera Árabe que inspirou o fim das velhas ditaduras, através de movimentos sociais, é vista como a principal causa dessa “crise” no mundo contemporâneo, porém sabe-se que a sua origem está vinculada aos acontecimentos históricos discutidos no capítulo 1.

Os movimentos sociais que modificaram a estrutura política, econômica e social no Oriente Médio tiveram como base o pensamento de mudança, a supressão do autoritarismo dos governos locais e o sentimento de insatisfação e libertação das camadas populares, insufladas pelos novos tipos de guerras eletrônicas e cibernéticas (CORRÊA; DELGADO, 2018, p. 4).

Esse evento atingiu cada país de forma diferente, no qual decidiu-se abordar alguns acontecimentos contemporâneos, analisando os Estados que foram determinados como pontos de saída para entender as razões pelas quais os imigrantes são atraídos a certos destinos.

#### 2.1.1. Os impactos da Primavera Árabe e a situação geopolítica dos países

De acordo com Bonacina *et al.* (2017), o Egito seguiu os passos da Tunísia com protestos contra o regime Hosni Mubarak, pois o país sofria de uma grave crise de liquidez, provinda da queda das receitas do turismo e do Canal de Suez, além do alto índice de desemprego. Sob pressão, o presidente inicialmente propôs uma transição democrática controlada, sendo ele um dos candidatos às eleições a serem efetuadas naquele ano.

Não satisfeitos, os egípcios voltaram às ruas. Em 11 de fevereiro, após a perda do apoio estadunidense, Suleiman<sup>6</sup> comunicou a renúncia do Presidente Mubarak. Em junho de 2012 foram realizadas eleições presidenciais, nas quais Mohammed Morsi tornou-se o primeiro presidente democraticamente eleito no Egito, com 51,7% dos votos (RAMOS, 2013). Entretanto, o seu mandato não durou muito, o que agravou a instabilidade política e econômica no país:

Em Julho de 2013, um golpe militar apoiado pela sociedade civil depõe Mohammed Morsi, estabelecendo um novo governo de transição liderado pelo então presidente Corte Constitucional egípcia. Entre 2013 e 2016, Morsi foi acusado e julgado por diversos crimes contra a população e o Estado egípcios, sendo condenado à morte (BONACINA *et al.*, 2017, p. 28).

Em relação a Jordânia, aliada-chave dos Estados Unidos, observou-se pela primeira vez a sua população pedir por uma mudança de regime, manifestando-se contra a pobreza desenfreada, a corrupção e o aumento dos preços (JONES, 2013). Desse modo, o rei Abdullah II demitiu diversos ministros, formando duas comissões para estudar possíveis reformas eleitorais e emendas constitucionais. Isso enfraqueceu alguns partidos políticos e, consequentemente as manifestações também, garantindo ao rei uma maior tranquilidade na

---

6 Ex-chefe da Direção Geral de Inteligência egípcia e vice-presidente (RAMOS, 2013).

conduta política do reino (GAUSE III, 2013).

Além do mais, havia uma população crescente de refugiados e imigrantes provenientes de todo o Oriente Médio, com um número particularmente elevado de palestinos, iraquianos e sírios. Para Hawthorne (2016), a Jordânia deve ser uma confusão, mas de alguma forma, o país sobrevive, graças à “ajuda” internacional:

This is largely thanks to King Abdullah's savvy in eliciting external diplomatic, financial and military support. The king then pours these funds into the government budget, ensuring that his massive police forces can maintain domestic stability. The influx also keeps Jordan's social welfare programs running, even amid the International Monetary Fund's austerity reforms (HAWTHORNE, 2016, STRATFOR).

Para o povo palestino, a chamada Primavera Árabe serviu para desviar a atenção de sua luta e reduzir a probabilidade de apoio de outros Estados Árabes (WEISSHEIMER, 2014). Lembrando que a Palestina está em guerra desde a criação do Estado de Israel em 1948, no qual enfatiza-se a Guerra dos Seis Dias de 1967, que marcou a derrota dos árabes<sup>7</sup> e a expansão do território israelense (BEAUCHAMP, 2018).

No Líbano, os protestos se iniciaram em 2011, mas acabaram perdendo força até o final do ano. A questão mais problemática do país é a sua localização geográfica, percebida como um “laboratório” geoestratégico para as potências internacionais, especialmente para Israel desde a Guerra Civil Libanesa (1975-1990) (MAALOUF, 2011). A situação precária dos países vizinhos, afetou diretamente a sua estabilidade política e econômica, tornando-o “um dos maiores receptores de refugiados do mundo contemporâneo” (MENEM, 2008, P. 113).

Entre eles estão os sírios, que, numa tentativa de sufocar as manifestações, Bashar al-Assad reforçou mais a repressão, provocando uma das guerras civis mais violentas e sangrentas no mundo árabe (RAMOS, 2013). Atualmente, o território sírio está sendo fragmentado e dominado por diferentes agentes externos e internos, conforme seus interesses. De acordo com Corrêa e Delgado (2018), trata-se de guerras híbridas que envolvem tecnologias de comunicação e informação por estimularem conflitos armados promovidos por atores antigos e novos.

Além da disputa de poder pelas zonas de influências na Síria, os interesses dos EUA e da Rússia envolvem uma outra questão. Para os grandes petrolíferos (Iraque e Irã),

---

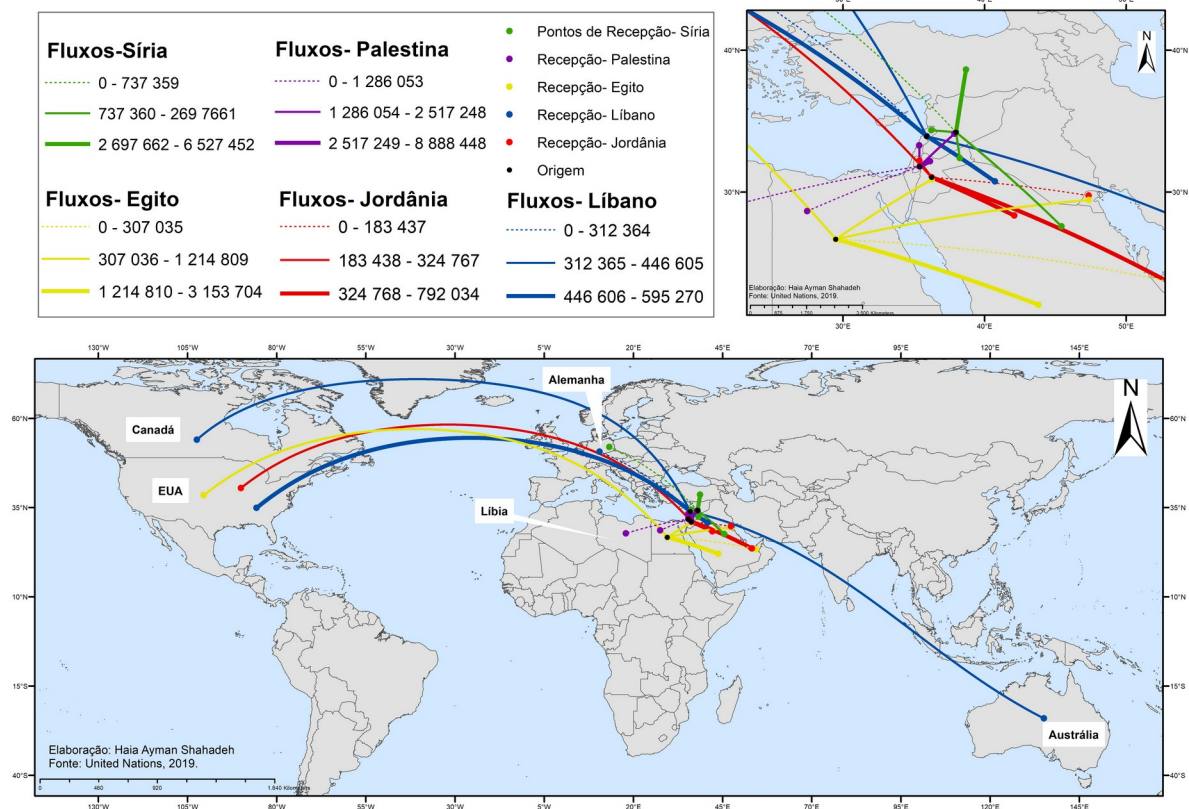
<sup>7</sup> A Guerra dos Seis Dias (1967) envolveu os seguintes países árabes: Jordânia, Egito, Síria e Iraque apoiados pelo Kuwait, Sudão, Argélia e a Arábia Saudita.

uma nova rota de exportações enfraqueceria a política energética russa e, consequentemente expandiria as suas oportunidades econômicas no mercado europeu. Desse modo, “quem detém a Síria detém a saída para o Mediterrâneo, e desestabilizar o governo sírio e retirar Assad de seu controle é estratégico para a Turquia, a Jordânia, a Arábia Saudita, o Qatar, a União Europeia e os EUA. Já para a Rússia, torna-se vital manter Assad no controle do país” (CORRÊA; DELGADO, 2018, p. 8).

### 2.1.2. Principais destinos e motivos da imigração árabe

Sendo assim, ao compreender a situação geopolítica atual dos países árabes, decidiu-se elaborar um mapa que evidencia os cinco principais destinos desses povos, destacando o número de imigrantes em cada fluxo, sejam voluntários e/ou refugiados desde 2000 a 2019, conforme os dados da ONU (Figura 6).

**Figura 6 – Os cinco principais destinos de cada país (2000-2019).**



Fonte: United Nations, 2019. Elaborado pela autora.

Diante disso, percebeu-se que os fluxos internacionais constituíram novas direções com novos encadeamentos ao decorrer do tempo, dirigindo-se para Europa (Alemanha); América do Norte (Canadá e Estados Unidos); norte da África (Líbia) e Austrália. Entretanto, a grande parte “optou” por migrar para os países vizinhos, o que pode ser explicado pela proximidade geográfica; pela afinidade cultural, particularmente linguística e religiosa; e pelos mecanismos políticos que impulsionam o processo migratório. Obviamente, não podemos deixar de lado as migrações forçadas, como é o caso da Síria e da Palestina.

O principal destino da maioria dos imigrantes, sobretudo, dos jordanianos (792.034) e dos egípcios (3.153.704) é a Arábia Saudita<sup>8</sup>. O país muçulmano de maioria sunita (85-90%, CIA, 2015), é um importante centro de geração de empregos, onde o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos também fazem parte desse processo, ao contrário dos outros que sofrem de elevadas taxas de desemprego (gráfico 4). De acordo com um relatório divulgado em 2014 pelo Centro de Pesquisa *Al Jazeera*, os países do Golfo<sup>9</sup> ficaram em primeiro lugar no mundo em termos de número de trabalhadores estrangeiros que empregam (DAILY SABAH, 2016).

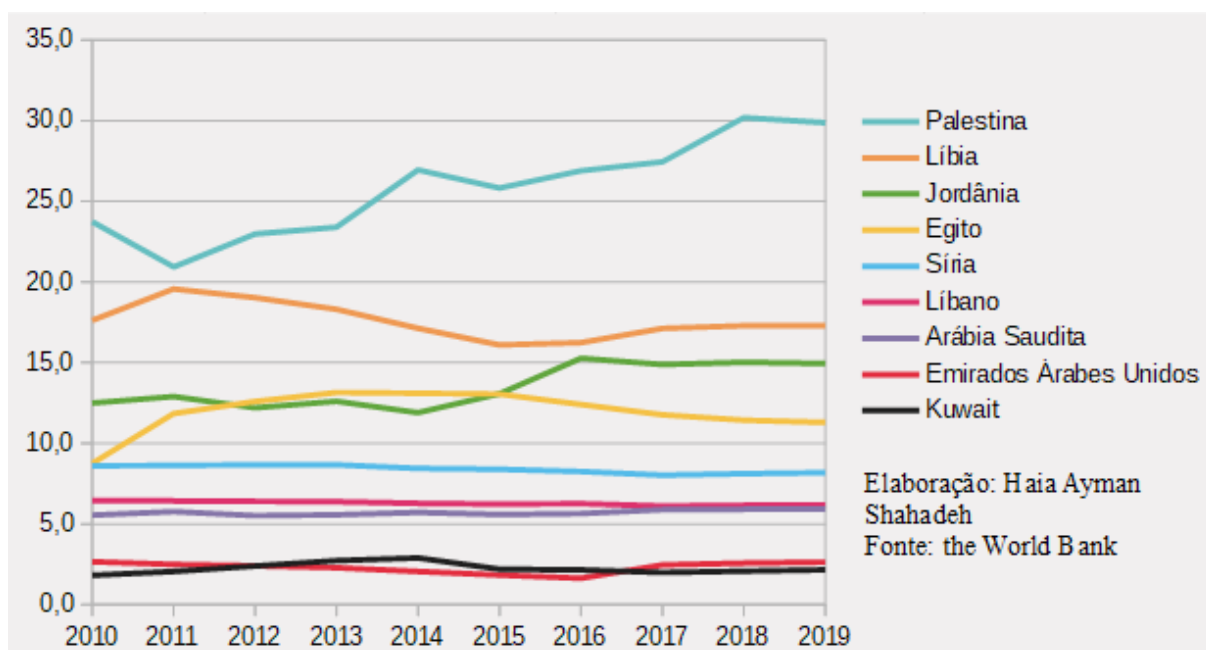
---

8 De acordo com dados da ONU, os três países que receberam o maior número de imigrantes em 2019, em termos mundiais, foram: Estados Unidos (50.661.149); Alemanha (13.132.146); Arábia Saudita (13.122.338).

9 Os Países que fazem parte do Golfo pérsico: Bahrein, Catar, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Omã.



**Gráfico 4-Taxa de desemprego nos países árabes (2010-2019).**



Fonte: The World Bank. Elaborado pela autora.

Essa imigração para o Golfo Pérsico se intensificou, sobretudo a partir de 1970, pois com a descoberta do petróleo e o aumento das receitas provenientes da sua exploração, a face demográfica na Península Arábica foi radicalmente alterada. A região começou então a experimentar fluxos estrangeiros, principalmente de países próximos geograficamente, devido à subsequente urbanização e industrialização que não podia ser totalmente sustentada pelos trabalhadores locais (ESSOMBA, 2017).

Na verdade, trata-se de países ricos que necessitam aliviar a escassez de mão de obra em setores fundamentais nos quais os nativos não querem trabalhar (MARTINE, 2005). Esse processo evidencia a desigualdade regional que motiva os indivíduos a migrar de um país com alto índice de desemprego e de baixos salários para outro com taxa de desemprego inferior e salários elevados (AGU *et al.*, 2017).

Além do mais, existe uma outra razão pela imigração desses povos para Arábia Saudita, que por sua vez, possui um caráter religioso. Portanto, destaca-se a cidade de Meca, onde todos os anos cerca de 2 milhões de muçulmanos realizam a peregrinação de cinco dias conhecida como *Haje*<sup>10</sup> (Deutsche Welle, 2019).

10 A peregrinação a Meca é um dos cinco pilares do Islão e é obrigatória para aqueles que têm meios financeiros suficientes. Esses buscam o perdão sob a crença de que o *Haje* expia os seus pecados passados. (CLINGINGSMITH *et al.*, 2008).

Every year, more than two million Muslim men and women from over a hundred countries gather in Mecca to undertake the Hajj pilgrimage. Although the Hajj takes place on five specified days each year, pilgrims often spend a month engaged in prayer and ritual in Mecca and Medina. Pilgrims mix across the lines of ethnicity, nationality, sect, and gender that divide them in everyday life and affirm a common identity by performing the same rituals and dressing in similar garments that emphasize their equality (CLINGINGSMITH *et al.*, 2008, p. 3)

Entende-se que os imigrantes, principalmente os voluntários, tendem a fazer escolhas racionais, ponderando diferentes recursos (capital) e oportunidades econômicas, antes de iniciar um deslocamento (JACKSON, 1991 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2017). Todavia, a decisão de migrar nem sempre é totalmente racional, visto que depende dos contatos pessoais, das emoções de cada imigrante e até mesmo do desconhecimento ou da imprecisão de uma informação em relação ao país de destino (LEE, 1966).

Nota-se na figura 6 que a única área de origem que não apresenta uma movimentação migratório para Arábia Saudita é a Palestina, em outras palavras, não existe nenhuma estimativa desse deslocamento de acordo com os dados da ONU (2000-2019). No entanto, isso não significa que não haja palestinos naquele ponto de recepção, pois podem ter saído de outro país com um passaporte diferente.

Mesmo assim, em 2018, a Arábia Saudita impediu que mais de um milhão e meio de palestinos viajassem de Israel com passaportes temporários jordanianos<sup>11</sup> para as peregrinações islâmicas de *Haje* e *Umrah* na cidade de Meca (SNEINEH, 2018). Essa nova política declara que não emitirá mais vistos para os palestinos que vivem na Jordânia, Líbano, Jerusalém Oriental e Israel.

Uma fonte jordaniana, com um conhecimento interno dos assuntos diplomáticos do seu país, disse à *MEE (Middle East Eye)* que a decisão saudita faz parte de um acordo bilateral com Israel para pôr fim à identidade palestina e ao direito de regresso dos refugiados (SNEINEH, 2018).

Essa imigração forçada ocorre desde os acontecimentos de 1948 e prossegue até os dias atuais, onde muitos foram obrigados a abandonar suas cidades, migrando-se para regiões próximas. Enfatiza-se a Jordânia como seu principal destino (8.888.448, UNITED NATIONS, 2000-2019), que por sua vez, decidiu adaptar suas políticas migratórias ao longo dos anos para acomodar a nova população. No entanto, alguns “escolheram” outro destino

<sup>11</sup> Os passaportes temporários jordanianos que eram válidos por dois anos na década de 1970, foram alterados para cinco anos em 1996 (SHIBLAK, 1996).

geográfico, a Líbia (Figura 6).

Isso está claramente relacionado com o afastamento de certos países árabes com a causa palestina, no qual um dos motivos abordados pela mídia seria o crescente número de terroristas do regime Hamas em Gaza, além dos interesses econômicos e políticos com Israel (COHEN, 2019). A Líbia tem recebido refugiados palestinos de toda a região, principalmente do Líbano. Chegando ao país localizado no norte da África, muitos forneceram mão de obra qualificada para a indústria de petróleo e gás, recebendo em troca habitação subsidiada, educação e cuidados de saúde (MURRAY, 2012).

Entretanto, com a Guerra Civil na Líbia em 2011, esse cenário mudou drasticamente, expulsando centenas de palestinos nos últimos anos. O regime líbio manifestou a sua intenção de reduzir o número de trabalhadores estrangeiros no território nacional, porém ao contrário daqueles que podem retornar aos seus países, esses refugiados muitas vezes não têm para onde ir.

Pode-se observar que, em todos os casos analisados até o momento, o Estado desempenha um papel fundamental, mas isso não significa que seja necessariamente o fator mais relevante na manutenção dos fluxos, pois as migrações internacionais não são causadas exclusivamente pela atuação do Estado (REIS, 2004). Ainda assim, ele, por meio de políticas de imigração, administra e controla os deslocamentos. Entretanto, esse não é o seu único atributo:

As políticas imigratórias não são atributo único do Estado, mas de múltiplos grupos no seu interior. As estratégias ressaltam as complexas relações entre o Estado e os diversos grupos secundários, visto que esses últimos podem ter - e com frequência têm - interesses contraditórios. (...) empresas podem ser favoráveis à imigração para dispor de mão-de-obra abundante e barata. Os sindicatos operários, ao contrário, podem ter uma finalidade oposta à das empresas. Isso desemboca num sistema de poder muito complexo, que se traduz pelo aparecimento de antagonismos e oposições (RAFFESTIN, 1993, pp. 91-2).

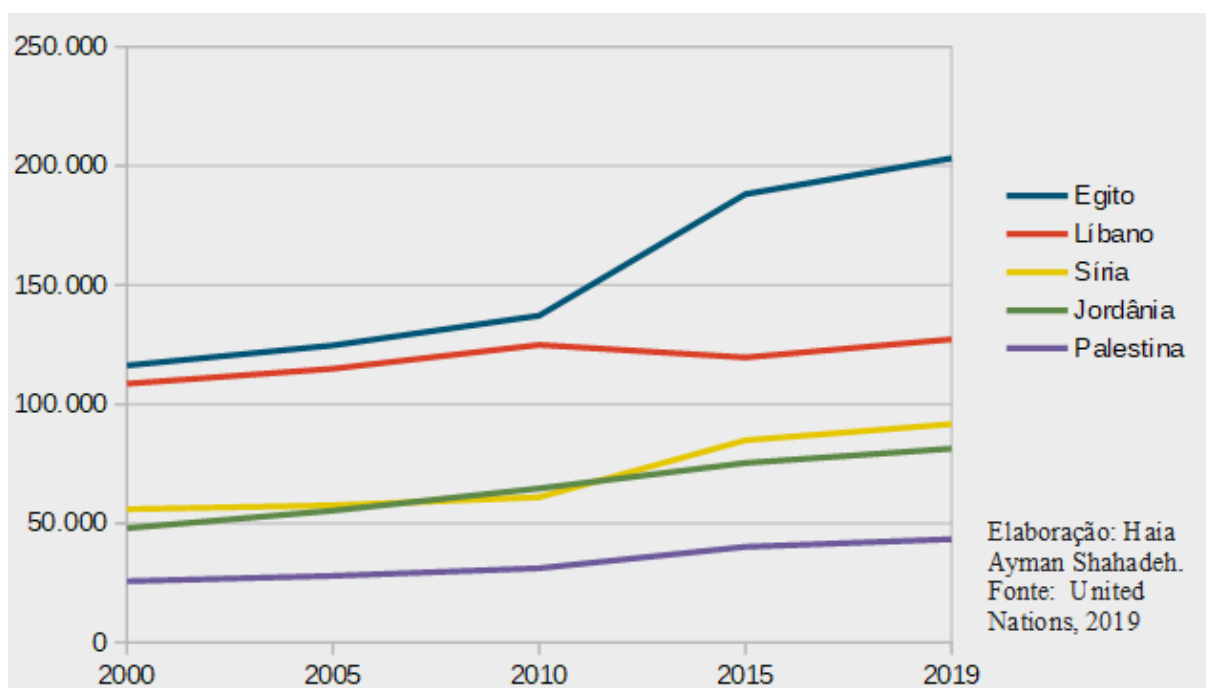
Trata-se de uma desterritorialização da força de trabalho, onde os atores hegemônicos interferem nas políticas migratórias, delimitando qualitativamente e quantitativamente a entrada de imigrantes. Isso é evidente também nos países ocidentais, no qual ressalta-se os libaneses por migrarem mais para essas regiões distantes.

A maioria deles deslocaram para os seguintes países (Figura 6): Estados Unidos (595.270); Arábia Saudita (504.587); Austrália (446.605); Canadá (403.265) e Alemanha (312.364). Percebe-se que há uma maior dispersão destes em relação aos outros

analisados. Esse processo pode estar relacionado com a diversidade cultural e religiosa dos imigrantes. No entanto, é necessário realizar uma contextualização histórica para compreender como que essa integração é exercida em diferentes territórios.

Em relação aos EUA, os fluxos não diminuíram após os ataques de 2001, mesmo com a intensificação de atos preconceituosos e xenofóbicos contra os árabes, devido às investigações realizadas por *Federal Bureau of Investigation (FBI)*, com o objetivo de identificar possíveis terroristas e seus cúmplices (RIDINGER, 2011) Apesar disso, muitos deixaram os Estados Unidos e voltaram para suas nações de origem, ou para outros destinos como o Canadá, Alemanha e França.

**Gráfico 5** – Número de imigrantes árabes nos Estados Unidos (2000-2019).



Fonte: United Nations, 2019. Elaborado pela autora

Esses países “desenvolvidos” encontram-se, atualmente, “em uma segunda transição demográfica”, caracterizada pelo envelhecimento (MARTINE, 2005, p. 14). Isto é, a passagem de uma situação de equilíbrio no aumento populacional marcado por altos níveis de mortalidade e de fecundidade para um estágio de baixos níveis, em ambos os componentes (BERQUÓ, 1991).

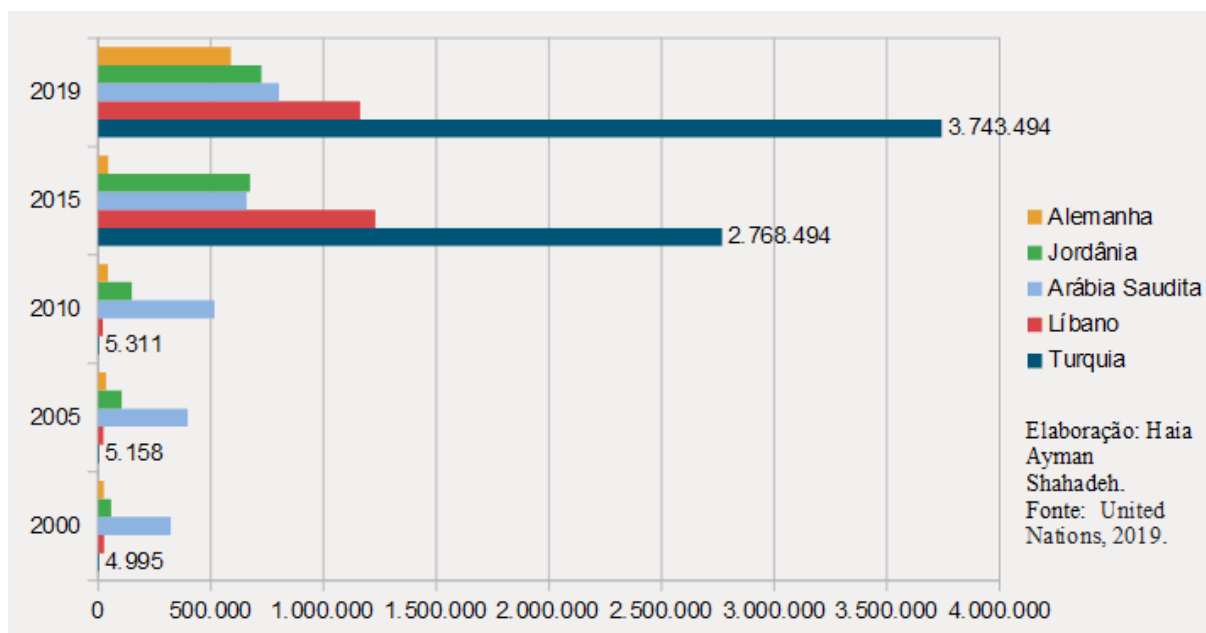
(...) paralelamente ao aumento significativo da esperança de vida, a pirâmide de idade dos países industrializados mostra-se mais carregada na

parte superior. Com isso, o crescimento vegetativo é nulo, a entrada de jovens nativos no mercado de trabalho é mínima, a relação de dependência entre trabalhadores e não-trabalhadores piora, e os sistemas de previdência são fortemente pressionados. A entrada de jovens migrantes, com suas altas taxas de fecundidade e de participação no mercado de trabalho, é uma fórmula fácil para superar as dificuldades demográficas criadas por essa transição (MARTINE, 2005, p. 14).

Além dessa observação em relação à atual “crise” que beneficia os Estados europeus e norte-americanos, essa onda migratória de um continente para outro, atravessando o Mediterrâneo, vem causando milhares de vítimas, com refugiados a serem explorados por potências ocidentais (LANO, 2018). É assim que o preconceito é sustentado, com oportunidades de trabalho desiguais, onde os imigrantes não são inseridos no mercado formal (FRANCO, 2016), fazendo parte do “Exército Industrial de Reserva”<sup>12</sup> (MARX, 2013).

Com isso, analisa-se o caso da Síria, que ao contrário do que se observa na mídia ocidental, os números confirmam a concentração de refugiados sírios nos países vizinhos, ou seja, nos Estados fronteiriços, no qual destaca-se Turquia, Líbano e Jordânia (Gráfico 6).

**Gráfico 6 – O aumento da imigração síria após a Primavera Árabe.**



Fonte: United Nations, 2019. Elaborado pela autora.

<sup>12</sup> Esse termo indica os trabalhadores desempregados que vendem a sua mão de obra a qualquer preço, onde os capitalistas recolhem a mais valia.

Nota-se que o principal destino ocidental é a Alemanha, não é por acaso, uma vez que as empresas alemãs precisam de trabalhadores qualificados e de consumidores. Em 2015, o país europeu permitiu a entrada de cerca de 900 mil imigrantes sob a política de portas abertas da chanceler Angela Merkel (SANDERS IV, 2019). De acordo com o estudo realizado por *Federal Office for Migration and Refugees*, quase 35% dos refugiados que chegaram à Alemanha em 2015 já estavam empregados em outubro de 2018 (DOWLING, 2019).

Contudo, ao analisar esses Estados Árabes, observou-se que a “globalização” impactou profundamente os movimentos migratórios, promovendo, por um lado, diferentes formas de mobilidade com a difusão acelerada das informações, impulsionando esses povos a migrar para outros países ou até mesmo, outros continentes. Por outro lado, a mesma se alimenta das desigualdades sociais e regionais através da exploração e da hierarquização, impedindo que alguns cruzem determinadas fronteiras e outros, por meio de políticas públicas são acolhidos para atender os interesses dos receptores, onde são vistos como indivíduos “perigosos” e “indesejáveis”.

## 2.2. GENERALIZAÇÃO DO ORIENTE MÉDIO PELA MÍDIA: OCIDENTALIZAÇÃO DO TERRORISMO

Devido à sua capacidade de difusão e de alcance, a mídia desempenha um papel fundamental na generalização dos povos do Oriente Médio, associando-os frequentemente a conceitos de atraso, violência, fundamentalismo, terrorismo e intolerância, promovendo uma cultura de medo em relação ao “outro” (RIBEIRO, 2010). Essa visão se concretizou oficialmente após os ataques ao *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001.

Trata-se de informações estratégicas que se difundem levando em consideração a perspectiva ocidental que traz consigo características do Orientalismo, onde os líderes europeus e norte-americanos derivam benefícios econômicos e políticos dessa falsa visão historicamente construída. Dessa forma, o poder não se restringe mais ao domínio dos meios materiais, mas ao controle do intangível e do imaterial, estabelecendo, assim, novas hierarquias geopolíticas:

Estabelecem-se assim novas hierarquias geopolíticas, definidas com base em novos diferenciais sócio-espaciais, refletindo fundamentalmente desiguais disponibilidades de informações e conhecimentos estratégicos, bem como desiguais posições no âmbito dos fluxos e dos fixos que compõem as redes

de informação e comunicação em escala planetária (LASTRES; ALBAGLI, 1999, p. 9).

Para isso, a mídia utiliza pesquisadores orientalistas como fonte para explicar o Oriente (MONTEIRO, 2010). Refere-se a especialistas que produzem conhecimentos específicos sobre o Oriente, sejam eles governantes, militares, jornalistas, historiadores, etc. (SAID, 1990). Estes autores muitas vezes não admitem a existência de um contexto político no que dizem e, tampouco “admitem que suas obras influenciam a visão não só de jornalistas, mas também dos responsáveis pela política externa dos países ocidentais”(RIBEIRO, 2010, p. 50).

Então, é a opinião ocidental que vai dizer como está a situação no Oriente Médio, as suas atitudes invadirá a esfera pública, estabelecendo na mente das pessoas imagens negativas dos povos árabes, principalmente, dos muçulmanos (PORTO; FILHO; SILVA, 2017). O Islã geralmente aparece na mídia através de acontecimentos, tais como conflitos entre a Palestina e Israel, as Guerras do Golfo, os atentados terroristas e a mais atual a Primavera Árabe.

De fato, não há um acompanhamento sistemático dos países islâmicos, o que dá a impressão de que as crises surgem subitamente, sem qualquer razão (RIBEIRO, 2010). Assim, as circunstâncias sociais e políticas desses Estados são muitas vezes ignoradas. Os consumidores de notícias, em meio a estas crises, buscam respostas para “entender” os acontecimentos do mundo árabe, no qual acabam recriando um “novo mundo imaginário”, através de informações generalizadas, superficiais e carregadas de xenofobia oferecidas por especialistas orientalistas.

O valor, a eficácia, a força e a aparente veracidade de uma declaração escrita sobre, o Oriente, portanto, baseiam-se muito pouco no próprio Oriente, e não podem instrumentalmente depender dele como tal. (...) Desse modo, todo o orientalismo está fora do Oriente, e afastado dele: que o orientalismo tenha qualquer sentido depende mais do Ocidente que do Oriente, e esse sentido é diretamente tributário das várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível (...) (SAID, 1990, p. 33).

Trata-se de imagens distorcidas que são consumidas por diferentes maneiras por diversas pessoas, de acordo com Thompson (2011, p. 61), "se a mídia alterou a nossa compreensão do passado, criou também aquilo que poderíamos chamar de "mundanidade mediada": a nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal, e de

nosso lugar dentro dele". Assim, obviamente, as crises são sempre vistas pelo Ocidente como uma ameaça aos seus interesses, dividindo o mundo entre “Nós” e “Eles” (RIBEIRO, 2010).

É assim que a ideia de terrorismo se torna ocidentalizada, pois a maioria das notícias que englobam este termo estão automaticamente associadas aos países do Oriente Médio. É uma estratégia geopolítica contemporânea utilizada para atender aos interesses hegemônicos dos Estados Unidos, através de produções jornalísticas que competem entre si. Não é por acaso que a maioria das reportagens possuem ligações diretas ou indiretas com os EUA e os países europeus. Segundo Hall (1992, p. 203):

For example, Palestinians fighting to regain land on the West Bank from Israel may be described either as "freedom fighters" or as "terrorists." It is a fact that they are fighting; but what does the fighting mean? The facts alone cannot decide. And the very language we use "freedom fighters/terrorists" - is part of the difficulty. Moreover, certain descriptions, even if they appear false to us, can be made "true" because people act on them believing that they are true, and so their actions have real consequences. Whether the Palestinians are terrorists or not, if we think they are, and act on that "knowledge," they in effect become terrorists because we treat them as such. The language (discourse) has real effects in practice: the description becomes "true".

Para padronizar o conhecimento, seja "verdadeiro" ou "falso", não basta ter apenas um texto informativo, pois o choque está nas fotografias e nos vídeos, que por sua vez não retratam indivíduos, mas multidões carregando corpos, mulheres muçulmanas usando o *hijab*, testemunhos de vítimas em algum ato terrorista, um árabe cercado de bombas pelo corpo e outros (GUEDES *et al.*, 2011; RIBEIRO, 2010).

Todos os aspectos abordados afetaram de certa forma os imigrantes árabes, que se tornaram alvo da mídia novamente devidos aos acontecimentos da Primavera Árabe (GOMES; LOBATO, 2016). Com a construção de um “inimigo”, os movimentos anti-imigrantes e anti-muçulmanos se tornaram mais expressivos, principalmente nos Estados Unidos e nos países europeus, em que enfatiza-se a Alemanha.

Hoje em dia, o medo e a oposição ao Islã ou aos muçulmanos constituem um fio condutor que une partidos políticos de outro modo díspares. Na Europa, quase todos os principais partidos populistas de direita enfatizam objeções culturais e religiosas à imigração muçulmana (HAMID, 2019). Assim, esses recém-chegados passam a ser vistos pela população receptora como “competidores de empregos, como inflacionadores dos custos dos serviços sociais e da infra-estrutura nos lugares de destino, e como uma ameaça permanente à estabilidade social e política da região de destino”(MARTINE, 2005, p. 17).



Isso reflete o poder da imagem, da informação e, é claro, da cinematografia ocidental, que apresenta os árabes como terroristas ou xeques poderosos, enquanto as mulheres são submissas e maltratadas. No Brasil, não é tão diferente, um exemplo disso, são as novelas exibidas na maior emissora do país, como o Clone (2001-2002) e a mais recente Órfãos da Terra (2019). No entanto, esses estereótipos servem apenas para reafirmar a ignorância do Ocidente em relação ao Oriente Médio e ao poder generalista da mídia (RIBEIRO, 2010).

### **CAPÍTULO 3: INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL ÁRABE NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: O CASO DE FOZ DO IGUAÇU/PR**

No início do século XX, surgiu-se uma nova onda migratória direcionada para cidades brasileiras, onde há uma maior concentração de indústrias emergentes e de serviços, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Os árabes, sobretudo os libaneses e os sírios<sup>13</sup> estão entre os principais grupos que optaram pela imigração urbana, ou seja, mesmo com o sucesso do complexo cafeeiro, foram poucos que se dirigiram para a agricultura. Para Brandão (2007, p. 106):

(...) O complexo cafeeiro capitalista será a matriz e o núcleo central que erguerá a singular urbanização do estado de São Paulo, que por sua vez articulará e exercerá a dominância do processo de urbanização do país, dando-se crescentes níveis de coerência e unidade, através da geração de um patamar superior de diversificação social do trabalho e de novas relações campo-cidade, coetâneas com o novo nível de desenvolvimento das forças produtivas do Brasil.

Quando chegaram ao Brasil, esses imigrantes se depararam com um sistema de grandes lavouras no estado de São Paulo, os latifúndios, bastante diferente do que conheciam e, apesar disso, essa produção acabou influenciando de certa forma a distribuição desses no território nacional (MOTT, 2000).

De acordo com Truzzi (1993), os imigrantes eram indivíduos dispostos a acumular capital durante algum tempo e depois regressar à família. Entretanto, o que pretendia ser provisório acabou por se tornar permanente, pois em vez do imigrante retornar, em muitos casos foi o resto da família que se juntou a ele. O mesmo afirma que a maioria dos árabes optou por se estabelecer na cidade e ganhar a vida como comerciante autônomo a ir para as lavouras do interior, como tiveram de fazer outros estrangeiros, que haviam sido contratados para o trabalho rural.

Inicialmente dedicaram-se ao pequeno comércio, como vendedores ambulantes, denominados de “mascates”. Houve fatores decisivos para o sucesso desse trabalho, como o aumento do mercado consumidor com o crescimento demográfico, a flexibilidade material, já que podiam se deslocar para diversos lugares, vendendo seus produtos que eram mercadorias não muito difíceis de transportar (ALMEIDA, 2014). O aspecto fundamental que proporcionou a realização dessas atividades foi a ampliação das vias

---

13 O IBGE possui apenas registros desses povos por apresentarem um maior número em relação aos demais, entre o início do século XX à 1940. Esses eram em grande parte cristãos.

férreas devido à expansão da lavoura de café.

Aqueles que estavam instalados nos centros urbanos, passaram a fundar grandes negócios. O sucesso mais ostensivo dos imigrantes árabes foi sua entrada no setor industrial, o que ocorreu, sobretudo, nas duas primeiras décadas do século XX, quando deslanchou o processo de substituição de importações por meio da industrialização. Para Nunes (1996, p. 168):

A medida que os negócios dos mascates iam acumulando lucros, a tendência observada no Brasil era a de estabelecerem suas próprias casas comerciais, operando no atacado e tornando-se fornecedores para outros imigrantes recém-chegados. Alguns estabeleceram fábricas modestas, explorando as manufaturas de tecidos de qualidade inferiores, fitas, rendas, bordados e meias, produção essa que era vendida pelos mascates (...).

Assim, estabeleceu-se um setor integrado verticalmente, onde indústrias e atacadistas supriam as necessidades de uma rede ampla de varejistas e comerciantes ambulantes, pertencentes à mesma etnia.

Em relação à sua distribuição pelo território brasileiro, o grosso da imigração dirigiu-se principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro, localizando-se núcleos menores em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia. Até 1920, mais de 58 mil imigrantes haviam entrado no país, onde o Estado de São Paulo recebeu 40% do total. Os censos de 1920 e 1940 revelam sua presença, com maior ou menor intensidade (Tabela 1):

**Tabela 1** – Sírio e libaneses por estado segundo os censos populacionais de 1920 e 1940.

|                                 | 1920   | 1940   |
|---------------------------------|--------|--------|
| <b>Brasil</b>                   | 50.337 | 48.970 |
| São Paulo                       | 19.285 | 24.084 |
| Rio de Janeiro                  | 9.321  | 9.051  |
| Rio Grande do Sul               | 2.656  | 1.093  |
| Minas Gerais                    | 8.684  | 5.902  |
| Elaboração: Haia Ayman Shahadeh |        |        |
| Fonte: IBGE.                    |        |        |

Fonte: IBGE. Elaborado pela autora

Entendemos a partir disso que os árabes partiram de aglomerações centrais nas capitais brasileiras, adequadas ao comércio popular. Truzzi (2012) aponta que na cidade de São Paulo, na década de 1930, esses estavam concentrados entre as ruas 25 de Março, da Cantareira e a Avenida do Estado; no Rio de Janeiro, um processo de concentração semelhante ocorreu nas áreas cobertas pelas ruas da Alfândega, José Maurício e Buenos Aires. Segundo um levantamento de 1934, apresentado por Truzzi (1993), 80% dos árabes viviam nos centros urbanos, contra 20% no campo.

A razão pela qual a imigração árabe vem diminuindo, como mostra a tabela, pode ser explicada a partir 1930, pois marca o início das restrições de imigração devido à crise de 1929, marcada pela superprodução de mercadorias sem compradores, acelerando, assim, as contradições entre os setores agrários e industriais. De acordo com Gremaud *et al.* (2007), naquela época a produção brasileira se concentrava no cultivo de café, de modo que sua economia era dependente desse produto.

Como resultado, o preço do café despencou um terço em 1931, e as exportações de café caíram mais da metade entre 1929 e 1932. Para preservar as poucas reservas de moeda forte do país, o governo Getúlio Vargas, que havia assumido o poder pouco antes, impôs um rígido controle sobre o câmbio e passou a administrar rigorosamente as remessas de lucros de empresas estrangeiras (FUCS, 2008). Com o aumento do desemprego e a entrada desordenada de estrangeiro no território nacional, foi criado o Decreto nº. 19.482, em 12 de dezembro de 1930, onde as empresas deveriam ter em seus quadros de empregados dois terços de trabalhadores nacionais (BRASIL, 1930).

Em 1934, o governo Getúlio Vargas criou a lei de cotas de imigração e passou a controlar a entrada de estrangeiros no país, com exceção dos portugueses (BRASIL, 1934). As restrições eram numéricas e ideológicas, além disso, 80% dos imigrantes eram forçados a trabalhar na zona rural (FIGUEREDO; ZANELATTO, 2016). A subsequente adoção do sistema de cotas, conjugada com a depressão econômica, provocou uma redução substancial do fluxo migratório em geral<sup>14</sup>.

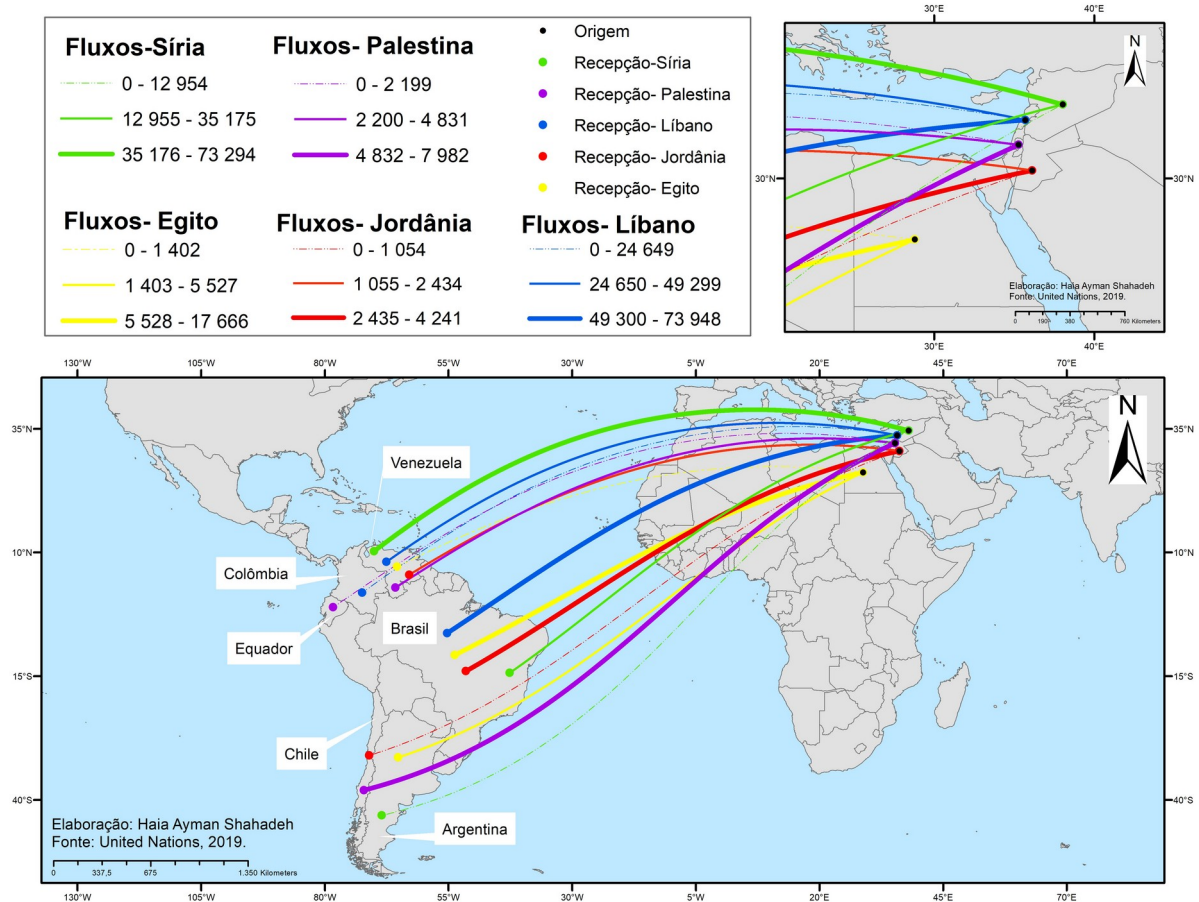
Após um período de declínio, surge uma nova onda migratória de árabes para o Brasil a partir dos anos 1970. Esse processo será analisado em Foz do Iguaçu, pois é apontada como um dos principais destinos para os imigrantes, que chegaram por volta de 1940, e novas levas vieram entre os anos de 1970 e 1990. Enfatiza-se dois momentos

---

14 Além de outros motivos abordados no primeiro capítulo como, a Segunda Guerra Mundial, independência dos países árabes, nacionalização do Canal de Suez etc.

históricos: a inauguração da Ponte da Amizade em 1965, que transformou a fronteira em um espaço atrativo e; a construção da represa de Itaipu (1975-1982), que alterou radicalmente a dinâmica funcional da cidade, constituindo um salto demográfico e ampliando fortemente a sua área urbana (IPEADATA).

**Figura 7** – Os três principais destinos da imigração árabe na América Latina (2000-2019)



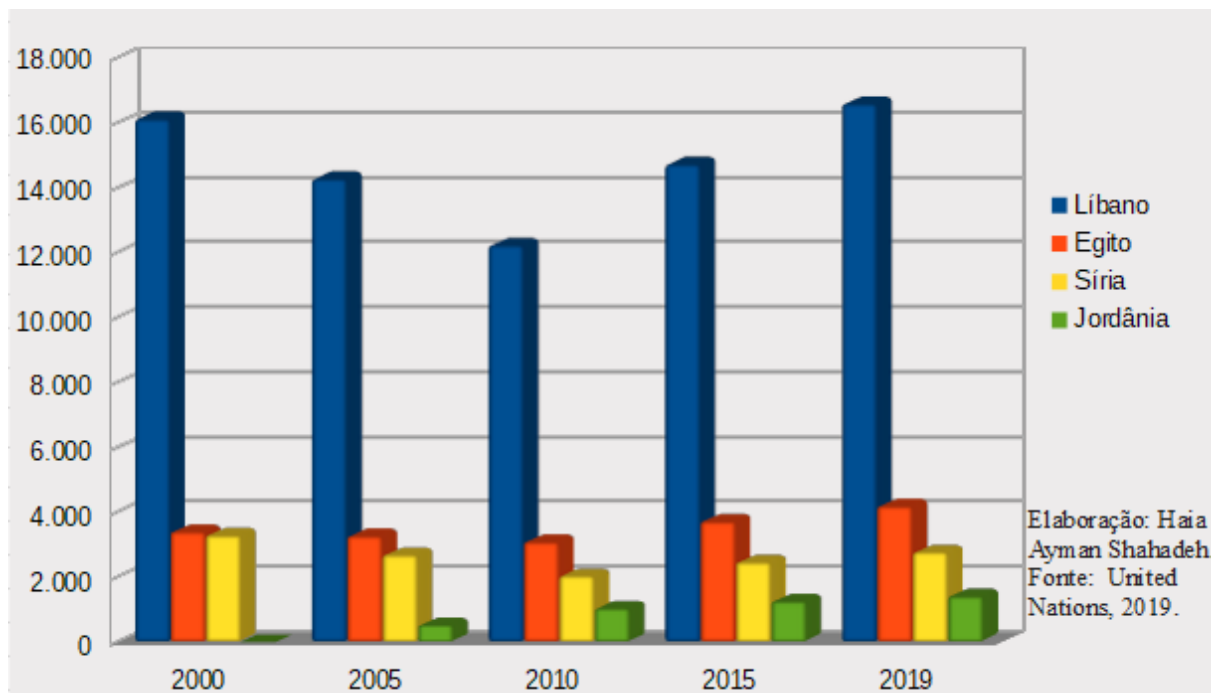
Fonte: United Nations, 2019. Elaborado pela autora.

Atualmente, o Brasil ocupa um dos principais destinos dos imigrantes árabes na América Latina, no qual destaca-se os libaneses com 73.948 pessoas, os egípcios com 17.666 pessoas e os jordanianos com 4.241 pessoas, segundo os dados de *United Nations*, entre os anos de 2000 a 2019. De acordo com os dados de Tadmouri *et al*, levantados em 2004, o número de indivíduos com ascendência árabe no Brasil é de aproximadamente 12 milhões (7% da população). Em relação à Palestina, nota-se na figura 7<sup>15</sup> que não há nenhum

15 Os fluxos migratórios árabes conforme os países que foram determinados no capítulo anterior.

fluxo para o território brasileiro, mas isso não significa que não haja palestinos, ou seja, é o mesmo caso da Arábia Saudita<sup>16</sup>.

**Gráfico 7** – Número de imigrantes árabes no Brasil, conforme a nacionalidade (2000-2019).



Fonte: United Nations, 2019. Elaborado pela autora.

Portanto, neste último capítulo, optou-se por analisar como os imigrantes árabes e seus descendentes se integraram ao longo dos anos no Brasil, especificamente em Foz do Iguaçu, fazendo uma interconexão com o capítulo anterior sobre a desterritorialização, mas neste caso vai além da força de trabalho, pois engloba a cultura e a identidade, em que destaca-se a importância do espaço urbano nesse processo.

### 3.1. INTEGRAÇÃO DOS ÁRABES NO ESPAÇO URBANO DE FOZ DE IGUAÇU

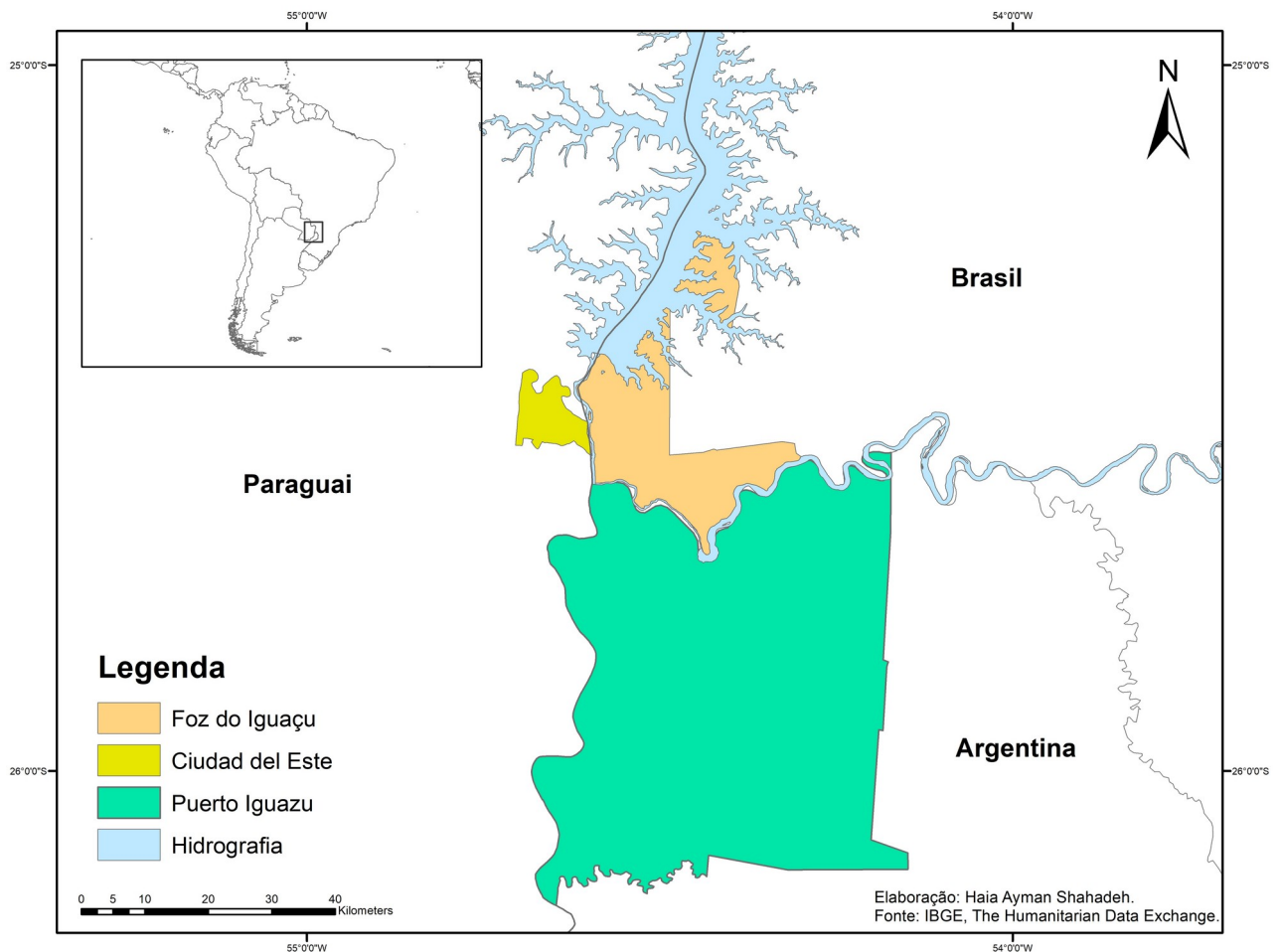
A cidade de Foz do Iguaçu está localizada no extremo oeste do Estado do Paraná, com aproximadamente 258.823 habitantes (IBGE, 2018). É conhecida como a região da Tríplice Fronteira<sup>17</sup>, por se situar em um espaço fronteirço com Argentina (*Puerto Iguazu*)

<sup>16</sup> Entretanto, não existe no Brasil uma política migratória que proíba a entrada de palestinos com outros passaportes.

<sup>17</sup> De acordo com França (2016), caber-nos-ia pensar, ao invés de uma “Tríplice Fronteira”, um espaço relacional, não “tricotômico”, como zona de fronteira, ou seja, a um só tempo, um lugar de comunicação e

e Paraguai (*Ciudad del Este*), onde os rios Iguaçu e Paraná dividem esses países em termos geográficos, mas que se uniram em determinados períodos para formação de projetos geopolíticos, como: a construção da Hidrelétrica de Itaipu Binacional (1975-1982), a Ponte da Amizade (1956-1965) e a Ponte Internacional da Fraternidade (1982-1985).

**Figura 8** – Localização da cidade de Foz do Iguaçu, *Ciudad del Este* e *Puerto Iguazu*.



Fonte: IBGE, The Humanitarian Data Exchange. Elaborado pela autora.

Em vista disso, busca-se analisar o processo de construção da identidade desses imigrantes através de atributos culturais na cidade de Foz do Iguaçu, fundada em 1914, por razões politicamente estratégicas para garantir a segurança na fronteira, na qual foi criada

---

troca, tensão e conflito. Neste caso, de acordo com Machado (2006, p. 61) “as partes em litígio podem fazer valer o limite internacional em oposição à fronteira como lugar de comunicação e de mobilidade transfronteiriça”.

uma Colônia Militar<sup>18</sup> para atender ao objetivo geopolítico. Para isso, decidiu-se enfatizar as razões de sua atração pela região, realizando uma contextualização histórica.

A presença migratória árabe ocorreu inicialmente dentro do processo de interiorização daqueles já situados em São Paulo, que passam a praticar as suas atividades no território paranaense, chegando ao extremo oeste do estado para vender os seus produtos aos militares (RABOSSI, 2007). Entende-se que os árabes vieram para trabalhar como mascates, o que proporcionou a eles, uma fácil interação com a população local, que os chamavam de “turcos”<sup>19</sup> até hoje.

Com a inauguração da Ponte da Amizade, em 1965, muitos desses mascates se estabeleceram em Foz do Iguaçu, com interesse de vender as mercadorias brasileiras do outro lado da fronteira. Assim, desde o final dos anos 60, alguns comerciantes de origem árabe abriram suas lojas e importadoras na emergente cidade paraguaia. (RABOSSI, 2007). Neste sentido, cabe apontar que a fronteira se tornou um espaço atrativo para muitos imigrantes.

A partir de 1975, devido ao forte crescimento econômico e demográfico em *Ciudad Del Este*, houve a necessidade de expansão de vários produtos para atender às demandas da população residente tanto na cidade como em todo o Paraguai. Assim, empresários organizaram em Foz do Iguaçu uma área comercial destinada à exportação de produtos industriais brasileiros. Para Rabossi (2007), o desenvolvimento do Jardim Jupira e Vila Portes, bairros próximos à Ponte da Amizade, é uma mostra espacial do desenvolvimento de foz do Iguaçu como centro comercial exportador de produtos brasileiros para o Paraguai.

O bairro Jardim Jupira possuía grandes lojas comerciais, exportadores de vestuário, armazéns, entre outros. Além disso, havia imensas residências, a maioria delas habitadas por árabes e descendentes que dominavam a exportação desses produtos. Assim, percebe-se a importância da presença árabe nesses bairros e o papel que tiveram nesse crescimento, sendo atraídos pelo movimento comercial ou pelas referências de parentes ou conhecidos.

Além do mais, o centro urbano de Foz do Iguaçu passava por uma importante transformação e crescimento, com a edificação da Usina de Itaipu (1975-1982), durante o período da ditadura militar. Este momento histórico produziu um salto demográfico

---

18 Existia desde 1889.

19 A maioria dos imigrantes árabes chegava com documentos turcos, até a primeira guerra mundial, é por isso que segundo Hajjar (1985) eram e são chamados até hoje erroneamente de turcos.

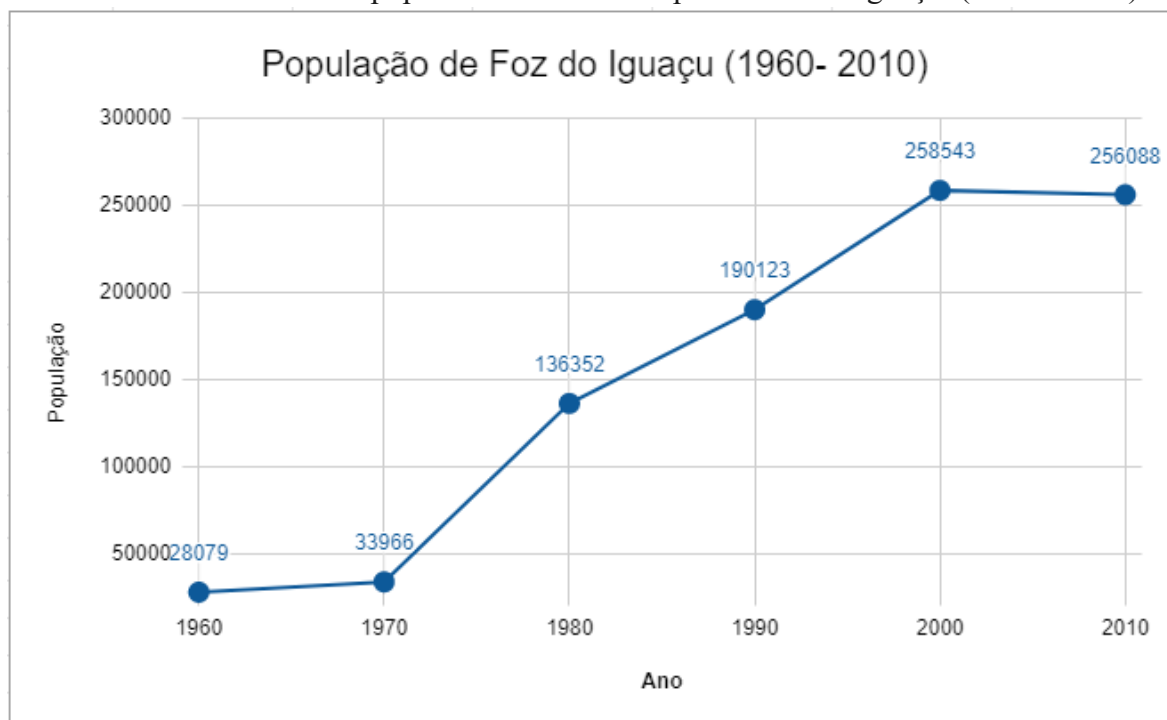


e de infraestrutura, no qual o aumento populacional demandou uma série de serviços abrindo o espaço a inversões. As suas funções urbanas passam a atender as demandas dos agentes internacionais, favorecendo os negócios turísticos.

Assim, segundo Corrêa (2007), a particularidade da cidade média se configura na combinação de fatores quantitativos e qualitativos como, o tamanho demográfico, as suas funções urbanas e a organização do espaço intra-urbano. É importante ressaltar os aspectos que foram verificados para elaboração do conceito, como o sistema de transportes; fluxos de mercadoria, pessoas, capitais; e a sua localização, que estaria no nosso caso em uma região estratégica conhecida como Tríplice Fronteira (JÚNIOR, 2008). A cidade média se define pela forma de constituição das suas relações com esses componentes, articulando-se à escala regional, nacional e, até mesmo, global (COSTA, 2002).

Para Thaumaturgo *et al.* (2013, p.987), “A usina de Itaipu trouxe para Foz do Iguaçu mais de trinta e cinco mil funcionários com as suas respectivas famílias oriundas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e de vários estados do Nordeste do país”. Esse aumento progressivo pode ser observado a partir do gráfico 8, conforme os dados da Ipeadata:

**Gráfico 8** – Crescimento populacional do município de Foz do Iguaçu (1960 à 2010).



Fonte: IPEADATA. Elaborado pela autora.

Desse modo, expandiu-se o espaço urbano, onde a integração árabe é mais expressiva. Este é compreendido por Corrêa (1989), como o centro da cidade, onde há uma concentração de serviços, de atividades comerciais, de gestão, diversas áreas residências, de lazer etc. Para o mesmo, essa organização espacial é fragmentado e articulado, em que cada uma de suas partes condicionam relações espaciais com as demais. Trata-se de um produto social, isto é, um “produto da materialização de relações sociais que se realizam em um determinado momento”(CARLOS, 2007, p.55). Nota-se a importância de duas dimensões: espacial e temporal, uma vez que a urbanização corresponde aos processos de apropriação do espaço que afetam a formação da cidade (SPOSITO, 2000).

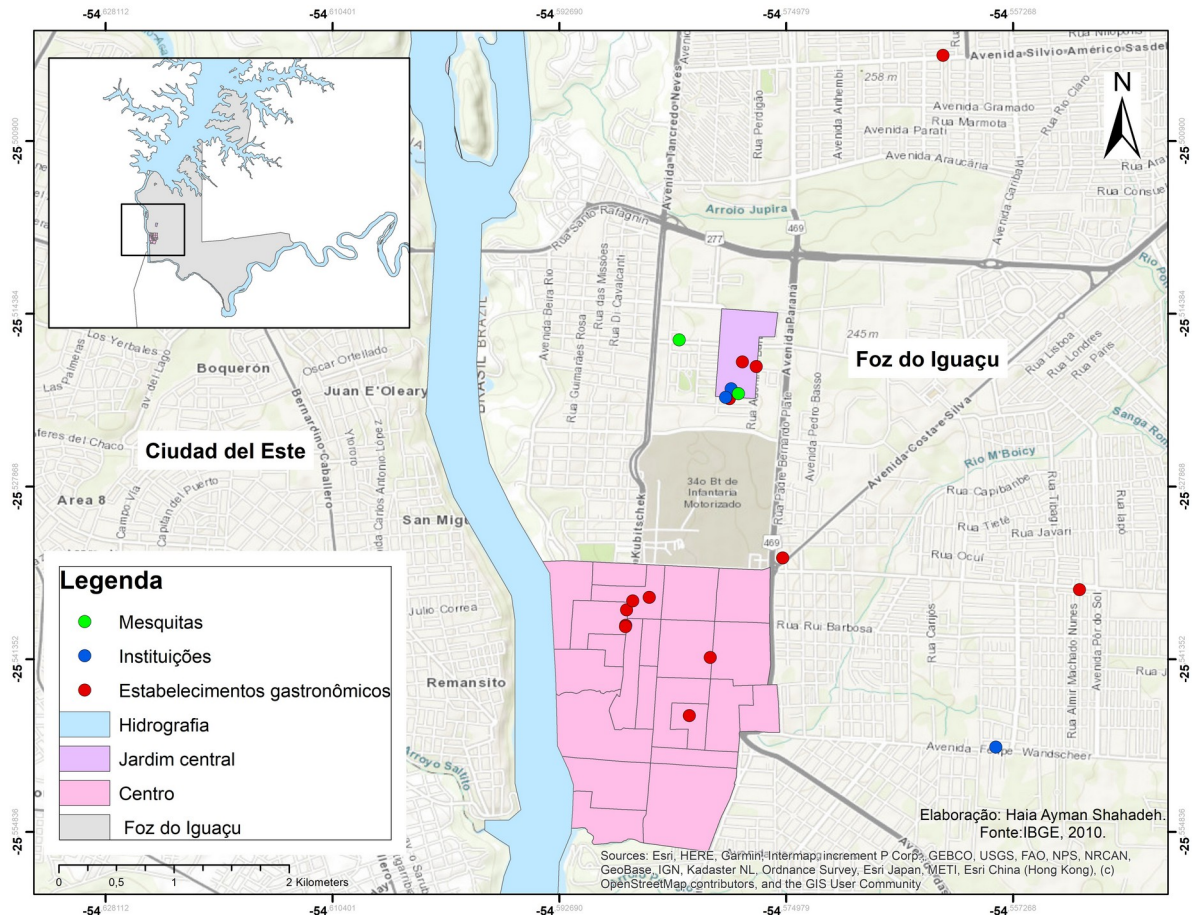
A partir disso, busca-se enfatizar algumas instituições que foram constituídas pelos árabes para atender os interesses da comunidade, como o Centro Cultural Beneficente Islâmico (1981), inaugurado para preservação das suas relações culturais e religiosas; o Colégio Árabe Brasileiro (1998)<sup>20</sup> e a Escola Libanesa Brasileira (2001), que oferecem o curso de árabe, especialmente aos descendentes. Além disso, percebeu-se a expansão da gastronomia árabe em Foz do Iguaçu, através de estabelecimentos, como, por exemplo: Restaurante Castelo Libanês; Shawarma do Salim; Albayan Doceria Árabe; Casa da Esfíha Beirut; Restaurante Aladdin entre outros.

Na figura 8 é possível observar a concentração dos estabelecimentos gastronômico e das instituições no espaço urbano da cidade, sobretudo em dois bairros. Através disso, pode-se dizer que uma boa parte residem nas proximidades do Centro urbano, devido às suas lojas comerciais, mas a grande maioria se instalaram no Jardim Central, onde construíram duas mesquitas para manutenção de sua religião, no qual a sunita, mesquita Omar Ibn al-Khattab (1983), é apontada hoje como um atrativo religioso, frequentemente visitada por turistas, enquanto que a xiita possui um caráter mais privativo.

---

20 O Colégio Árabe Brasileiro anunciou o fim das suas atividades no dia 21 de novembro (CALEBE, 2019).

**Figura 9** – Localização das principais instituições e estabelecimentos gastronômicos árabes em Foz do Iguaçu.



Fonte: IBGE, 2010. Elaborado pela autora.

Nota-se que o princípio religioso e cultural (língua, tradições, costumes etc.) foram os fatores essenciais para constituição desse grupo social. A partir da concepção de Castells (1999), pode-se dizer que a identidade não é um fenômeno natural, mas uma construção de significados que se expressam por meio de símbolos e atributos culturais. Portanto, este processo se vincula com as condições sociais e materiais que se reorganizam em um determinado espaço e tempo.

De acordo com Hall (2006, p. 12), a internalização destes significados e valores, contribui para alinhar os nossos sentimentos subjetivos com os lugares que ocupamos socialmente e culturalmente, tornando-os parte de nós, assim, a “identidade (...) Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”.

Portanto, os árabes que se consolidaram na região, não deixaram de lado seus aspectos culturais, ao contrário, reconstruíram a sua identidade, revelando, assim, uma experiência multiterritorial. De acordo com Haesbaert (2003), a globalização técnico-informacional, proporcionou ao imigrante fortalecer seus laços com o seu país de origem a “distância”, gerando novas territorialidades num mundo globalmente fragmentado. Dessa forma, por meio das redes sociais, os imigrantes conseguiram condicionar diversas relações tanto na sociedade receptora quanto na de origem, apontando, dessa forma, uma característica transnacional em múltiplos territórios (SASAKI; ASSIS, 2016).

Destaca-se neste sentido a definição cultural do território, onde o valor simbólico de um grupo sobre o espaço é mais expressivo, revelando novas formas de poder tanto o de apropriação como o de dominação (HAESBAERT, 2003; HAESBAERT, 2004). Assim, a desterritorialização vai além dos substratos materiais e físicos, pois este incorpora estratégias identitárias e relações de poder.

Contudo, trata-se de movimentos migratórios de caráter global que constroem uma multiterritorialidade complexa e, conseqüentemente, uma multiplicidade de dimensões de poder (HAESBAERT, 2011). Esses imigrantes globalizados estão ligados a territorialidades locais, regionais, nacionais e globais, possibilitando a eles, muitas vezes, a constituição de territórios híbridos com outras nacionalidades e identidades. Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, simbólico e funcional, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para produzir “significado” como para efetuar “funções” (HAESBAERT, 2004, p. 3).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer da pesquisa, notou-se que a ocidentalização do Oriente Médio não é algo dado, mas um processo histórico, onde os protagonistas são os europeus e os estadunidenses. O colapso do Império Otomano ocorreu através de tratados estratégicos que envolviam os aliados da primeira Guerra Mundial, em que se produziu um mapa do acordo de Sykes-Picot, revelando a dominação da região pelas potências europeias. Com a independência dos Estados que compõem o Oriente Médio, a hegemonia britânica começou a enfraquecer, especialmente após a nacionalização do Canal de Suez.

Após a Segunda Guerra Mundial, surgem-se os cartógrafos estadunidenses. Aqui os conflitos geopolíticos são as principais estratégias dessa nova hegemonia que adotará um imperialismo coletivo para manutenção do seu poder, elaborando ideologias que dividem o mundo entre o “eixo do mal” e o “eixo do bem”. É o que Samir denomina de doutrina Monroe, uma política estruturada para assegurar o poder militar que, por sua vez, fragmenta as regiões em várias áreas para serem controladas.

Todos os eventos abordados influenciaram diretamente ou indiretamente o cenário atual dos países árabes, no qual os impactos da Primavera Árabe sobre os seguintes países foram previamente destacados: Jordânia, Líbano, Palestina, Síria e Egito. Ao analisar os fluxos migratórios, percebeu-se que a maioria migrou para Arábia Saudita, conforme os dados da ONU(2000-2019), em que ressaltou a taxa de desemprego de cada ponto de emissão, o que evidenciou a desigualdade regional existente no Oriente Médio. Além disso, a Palestina não apresentou uma movimentação migratório para o Arábia Saudita devido às políticas de restrições que foram concebidas em 2018, mas acredita-se que este processo não é algo recente.

Diferentemente do que a mídia mostra, grande parte dos imigrantes deslocaram para os países vizinhos. Entretanto, analisou-se os interesses dos ocidentais pela “crise de refugiados”, sobretudo dos países considerados “desenvolvidos” que sofrem de altos índices de envelhecimento e, portanto necessitam de mão de obra especializada e barata, bem como de consumidores. A Alemanha é um exemplo explícito disso.

Grande parte das notícias sobre o Oriente Médio são elaboradas por pesquisadores orientalistas, ou seja, são eles que dizem como a situação está no Oriente, mas essas informações apresentam certas características que sustentam a base do Orientalismo, um

conceito elaborado por Said. O islamismo aparece sempre quando há uma catástrofe e, dessa forma, os povos árabes estão sendo generalizados com a ocidentalização do terrorismo.

Em relação a integração da comunidade árabe em Foz do Iguaçu, notou-se que primeiramente, dedicaram-se a mascateação e mais tarde implementaram pequenos comércios, no qual não há dúvida de que essas atividades econômicas foram fundamentais para a socialização dos imigrantes com a “nova” sociedade. Além do mais, compreendeu-se que muitos foram atraídos pelas possibilidades comerciais na fronteira mercantil com *Ciudad del Este*.

O espaço urbano apresenta um papel central na preservação de sua identidade, pois é onde exerceram suas influências culturais e religiosas por meio de entidades representativas. Esses atuam em diferentes escalas graças à inovação dos meios de comunicação que possibilitaram a construção de uma multiterritorialidade complexa a partir da desterritorialização identitária destes, em que o território é conceitualizado de modo cultural. Entretanto, esse processo deve ser analisado com mais cuidado, levando em consideração a transfronteirização árabe entre Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este*.

## REFERÊNCIAS

AGU, C; ORIJI, A; ONODUGO, V. Migration Motivation, Migrant Characteristics and Migration Outcomes in Nigeria: Evidence from survey Data. **International Journal of Economic Research**, 2017.

ALMEIDA, R. G. C. de. TRAJETÓRIA DE UM PATRÍCIO – A IMIGRAÇÃO SÍRIO LIBANESA EM SÃO PAULO. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, vol. 1, n. 2, jul-dez., p.302-323, 2014.

AMIN, S. **U.S. Imperialism, Europe, and the Middle East**. Monthly Review, vol. 56, n.6, novembro de 2004. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2004/11/01/u-s-imperialism-europe-and-the-middle-east/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

BARBOSA, J. (2010). Imigração: o fenômeno, o imigrante, o estrangeiro e o refugiado. **Reassentamentos Urbanos de Imigrados Palestinos no Brasil: um estudo de caso do “campo” de Brasília**, 2010.

BEAUCHAMP, Z. What are Israel and Palestine? Why are they fighting?. **Vox**, 2018. Disponível em: <<https://www.vox.com/2018/11/20/18080002/israel-palestine-conflict-basics>>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.

BERQUÓ, E. S. Fatores estáticos e dinâmicos: mortalidade e fecundidade. In: SANTOS, J. L. F.; LEVY, M. S. F.; SZMRECSANYI, T. (Orgs.). **Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise**. 2º ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

BONACINA, A; ALVES, J. P; TESSUTO, S. M. A crise no Oriente Médio e a primavera árabe. **UM MUNDO EM CRISE**, v. 4, p. 19-36, 2017

BRAGA, J. L. R; Karol, E; Viana, L. D. R; Vieira, L. M. Visões e concepções do Oriente Médio nos livros didáticos. **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v.13 n.1, p.179-200, 2012.

BRANDÃO, C. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 238, 2007.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. XXXI, n. 62, 1965.

CALEBE, J. Colégio Árabe Brasileiro anuncia fim das atividades. **Rádio Cultura Foz**. Disponível em: <<https://www.radioculturafoz.com.br/2019/11/21/colégio-arabe-brasileiro-anuncia-fim-das-atividades/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade**. Edição Eletrônica/LABUR, São Paulo, 2007.

CARR, E. H. **Vinte anos de crise 1919-1939**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

CASTELLS, M. Paraíso comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: \_\_\_\_\_. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 21-92, 1999.

CASTRO, I. E. O problema da escala. IN: CASTRO, I. E; GOMES, P. C.C; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CLINGINGSMITH, D; KHWAJA, A. I; KREMER, M. Estimating the impact of the Hajj: religion and tolerance in Islam's global gathering. **Harvard Kennedy School**, 2008.

COHEN, K. Why are Arab states rejecting the Palestinian cause??. **Jewish News Syndicate**. 2019. Disponível em: <<https://www.jns.org/opinion/why-are-arab-states-rejecting-the-palestinian-cause/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de Cidade Média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

COSTA, E. M. da. Cidades médias: contributos para a sua definição. **Revista Finisterra**, Lisboa: Universidade de Lisboa, v.37, n.74, 2002, p.101-128.

COSTA, W. M. **Geografia política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. São Paulo, Editora HUCITEC, 1992.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Editora Ática, 1989, p. 94.

CORRÊA, F. G; DELGADO, F. Os novos corredores energéticos e a guerra civil na Síria: velhos e novos atores. **FGV ENERGIA**, 2018.

Decreto nº 19.482, de 12 de Dezembro de 1930. **BRASIL**, 1930. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

DOWLING, S. Germany welcomed refugees. Now it's reaping the economic benefits. **Al Jazeera**, 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/ajimpact/germany-welcomed-refugees-reaping-economic-benefits-190617194147334.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

DOWBOR, L. **A era do capital improdutivo**. São Paulo: Editoras Outras Palavras e Autonomia Literária, 2017.

EHLERS, E. **Der Islamische Orient Grundlagen zur Länderkunde eines Kulturraums**. Köln: Isl. Wiss. Akad, 1990.

ESSOMBA, W. J. Labor Immigration into the Gulf: Policies and Impacts. **The Kuwait Program at Sciences Po**, 2017.

FERABOLLI, S. **A (Des) Construção da Grande Nação Árabe: condicionantes sistêmicos,**



**regionais e estatais para a ausência de integração política no mundo árabe.** Dissertação de mestrado-UFGS, Porto Alegre, 2005.

FIGUEREDO, L. O; ZANELATTO, J. H. Legislação e políticas públicas voltadas à imigração no Brasil. Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, 2016.

Free vector and raster map data. **Natural Earth**. Disponível em: < <http://www.naturalearthdata.com/downloads/50m-physical-vectors/>>. Acesso em: 20 de março de 2019.

FRANÇA, R. As três dimensões da fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina: proposta de análise para a pensar a integração. In: Jayme Benvenuto. (Org.). **Somos todos irmãos? Reflexões sobre a percepção da integração regional na fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai**. 1ed.Curitiba: Gedai, 2016, v., p. 117-152.

FRANCO, S. V. MIGRAÇÕES FORÇADAS: Um estudo acerca do refúgio na atualidade. **Revista Direitos, Trabalho e Política Social**, 2016.

FUCS, J. **DO café à industrialização**. 2008. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI20415152271,00DO+CAFE+A+INDUSTRIALIZACAO.html> >. Acesso em: 5 de novembro de 2017.

FROMKIN, D. **A peace to end all peace: The fall of the Ottoman Empire and the creation of the modern Middle East**. Henry Holt and Company, 2001.

GAUSE III, F. G. **Kings for All Seasons: How the Middle East Monarchies Survived the Arab Spring**. Brookings Doha Center Analysis Paper, Doha, Setembro 2013.

GOMES, M. R; LOBATO, J. A. M. A Primavera Árabe e o enquadramento do outro: a captação da alteridade na narrativa jornalística. **Reinvenção Comunicacional da Política: modos de habitar e desabitar o século XXI**. Salvador/Brasília: EDUFBA/Compós, 2016.

GUEDES, J. V; DIAS, L; SOUSA, R. A Mídia Ocidental e os povos Árabes-uma relação de preconceito e generalizações. In: **XIII Congresso Internacional de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**. P. 1-15, 2011.

Gulf countries employ highest number of foreign workers. **DAILY SABAH**, 2016. Disponível em: <<https://www.dailysabah.com/business/2016/01/28/gulf-countries-employ-highest-number-of-foreign-workers>>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Porto Alegre, 29: 11–24, jan., 2003.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, set. 2004.

HAESBAERT, R. **Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da desterritorialização contemporânea**. Arte e novas espacialidades: relações contemporâneas. Rio de Janeiro F, v. 10, 2011.

HAJJAR, C. **Imigração árabe: cem anos de reflexão**. São Paulo: Ícone, 1985, p.231.

HALL, S. The west and the rest: Discourse and power. *In*: \_\_\_\_\_. (org.). **Formations of Modernity**. Cambridge: Polity Press and Open University, 1992.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HAMID, S. The role of Islam in European populism: How refugee flows and fear of Muslims drive right-wing support. **BROOKINGS**, 2019. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/the-role-of-islam-in-european-populism-how-refugee-flows-and-fear-of-muslims-drive-right-wing-support/>>. Acesso em: 03 de novembro de 2019.

HARLEY, B. Mapas, saber e poder. **Confins**, n. 5, 2009.

HARVEY, D. **Novo imperialismo (O)**. Edições Loyola, 2004.

HAWTHORNE, E. The Strangely Stable Kingdom of Jordan. **Stratfor**, 2016. Disponível em: <<https://worldview.stratfor.com/article/strangely-stable-kingdom-jordan>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.

HOURLANI, A. **Uma História dos Povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUSSEIN, M; HUSSEIN, N. **Árabe ao alcance de todos**. São Paulo: Grafstyle, 1996.

JACKSON, J. A. **Migrações**. Lisboa: Ed. Escher, 1991.

JÚNIOR, G. A. O. REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA EM CIDADES MÉDIAS. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 2008.

IBGE. Disponível em: <<https://ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 de Maio de 2019.

Ipeadata. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>>. Acesso em 15 de abril de 2019.

JONES, S. The Mirage of Arab Spring: deal with the region you have, not the region you want. In: POLICY, Foreign (Org.). The Arab Spring at Five. New York: **Foreign Policy**, p. 1-549, 2016.

KAMRAVA, M. **The modern Middle East: a political history since the First World War**. Berkeley: University of California press, 2005.

KHALIDI, R. **Palestinian identity: The construction of modern national consciousness**. Columbia University Press, 2010.

KHALIDI, R. **The origins of Arab nationalism**. Columbia University Press, 1991.

Legislação Informatizada - DECRETO Nº 24.215, DE 9 DE MAIO DE 1934 - Publicação Original. **BRASIL**, 1934. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24215-9-maio-1934-557900-publicacaooriginal-78647-pe.html>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

LANO, A. A destruição da Líbia e a questão dos migrantes e refugiados. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, 2018.

LASTRES, H; ALBAGLI, S. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LEE, E. S. (1966). A theory of migration. **Demography**, Vol. 3, No. 1, p. 47-57, 1966.

MAALOUF, R. **Geoestratégias em Confronto no Líbano em Guerra (1975-90)**. São Paulo. 2011.

MACEDO, H, A, M. Oriente, Ocidente, Ocidentalização: Discutindo conceitos. **Revista da Faculdade do Seridó**, v.1, n. 0, jan./jun.2006.

MACHADO, L. O. Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia. In: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL (DEPARTAMENTO DO PARANÁ). **Anais da II Conferência internacional de desenvolvimento urbano em cidades de fronteira**. Foz do Iguaçu, Abr. 2006. pp.58-69.

MANSFIELD, P. **The British empire**. London: Time-Life Books, 1973. n. 75.

MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 3-22. 2005.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I, Volume 1 e 2. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, C. **Migrações: decisões individuais e estruturas sociais**. 1993.

MURRAY, R. Eviction worries for Palestinians in new Libya. **The Electronic Intifada**, 2012. Disponível em: <<https://electronicintifada.net/content/eviction-worries-palestinians-new-libya/11623>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

MENEM, I. R. Líbano: um dos maiores receptores de refugiados do mundo. **III Semana Acadêmica de Relações Internacionais da UNILA**, 2018.

MONTEIRO, A. C. O. **O Oriente e mídia: representação orientalismo e contra-hegemonia**. 2010.

MOTT, M. L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. **Brasil, 500 Anos de Povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, p.179 – 196, 2000,

NETO, S. L. A Crise de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956). **Cantareira (UFF)**, p. 87-104, 2012.

NUNES, H. P. **Historiografia da Imigração Árabe nos Estados Unidos e no Brasil: Uma Perspectiva comparativa**. v. 4, n° 1, p.149-180, 1996.

NOLASCO, C. Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias. **Oficina do CES**, p. 1-29. 2016.

OLIVEIRA, C; PEIXOTO, J; GÓIS, P. A nova crise dos refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.73-98, jan./abr. 2017.

OLIVEIRA, S. Roteiro árabe em Foz do Iguaçu. **Matraqueando**, 2014. Disponível em: <<https://www.matraqueando.com.br/roteiro-arabe-em-foz-do-iguacu>>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

ÖZALP, O. N. Where is the Middle East? The Definition and Classification Problem of the Middle East as a Regional Subsystem in International Relations. **Turkish Journal of Politics**. Vol. 2, No. 2, 2011.

PORTO, C. H. Q; FILHO, C. J. E; SILVA, L. G. S. IMAGENS DO OUTRO: ORIENTALISMO NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA. **Historiografia das Histórias: Conceitos, Debates e Pesquisas No Século XXI**. 2017.

Unemployment, Total (% of Total Labor Force) (Modeled ILO Estimate). **The World Bank**, 2019. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SL.UEM.TOTL.ZS?end=2019&locations=SY-JO-EG-LB-PS-SA-KW-AE&start=2010&view=chart>>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.

Unintended consequences:Sykes-Picot and its aftermath. **The Economist**. 2016. Disponível em: <<https://www.economist.com/special-report/2016/05/12/unintended-consequences>>. Acesso em: 26 de março de 2019.

RABOSSI, F. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma reinterpretação, in SEYFERTH, G; POVOA NETO, H.; ZANINI, M. C., SANTOS, M.O. (orgs.) **Mundos em Movimento – Ensaios sobre Migrações**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007, 287-312 p.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Editora Ática, 1993.

RAMOS, C. F. D. O. **A primavera árabe no Egito e na Síria: repercussões no conflito israelo-palestino**. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais, 2013.

Refugees and Migrants. **UNITED NATIONS**. Disponível em: <<https://refugeesmigrants.un.org/definitions>>. Acesso em: 05 de agosto de 2019.

- REIS, R. R. Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 19 nº. 55, p.149-164. junho/2004,
- RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico nos filhos de Dekasseguis no retorno ao Brasil**. SciELO-Editora UNESP, 2015.
- RIBEIRO, E. M. O Oriente Médio e o islã sob o viés da mídia. 2010.
- RIDINGER, R. Arab immigrants. **Immigration to united states**, 2011. Disponível em: <<https://immigrationtounitedstates.org/351-arab-immigrants.html>>. Acesso em: 13 de outubro de 2019.
- ROCHA, P. F. D. O Oriente Médio 'civilizado': romance de formação e resistência no século XXI. **DARANDINA REVISTELETRÔNICA**, v. 11, p. 1-16, 2018.
- SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANDERS IV, L. Refugee crisis could be 'stroke of luck in German history,' says ex-president. **Deutsche Welle**, 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/refugee-crisis-could-be-stroke-of-luck-in-german-history-says-ex-president/a-49262489>>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.
- SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2006.
- SASAKI, E. M; ASSIS, G. O. **Teorias das migrações internacionais**. p. 1-19, 2016.
- SCHIOCCHET, L. Extremo Oriente Médio, admirável mundo novo: a construção do Oriente Médio e a Primavera Árabe. **Revista tempo do mundo**; v. 3, n. 2, 2011.
- SHIBLAK, A. Residency status and civil rights of Palestinian refugees in Arab countries. **Journal of Palestine Studies**, p. 36-45, 1996.
- SILVA, V. R; UGOSKI, D. D. R; DRAVANZ, G. M. G. Negação de Direitos Socioassistenciais para Transfronteiriços Indocumentados: desafios para as cidades gêmeas. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, P. 231-243. 2017.
- SMITH, N. Geografía, diferencia y las políticas de escala. **Terra Livre**, São Paulo, n. 19, p. 127-146, 2002.
- SNEINEH, M; A. Saudi Arabia bars nearly 3 million Palestinians from Hajj and Umrah. **Middle East Eye**, 2018. Disponível em: <<https://www.middleeasteye.net/news/saudi-arabia-bars-nearly-3-million-palestinians-hajj-and-umrah>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.
- SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 2000.
- TADMOURI, G. O.; AL ALI, M. T.; AL KHAJA, N. Genetic Disorders in the Arab World:

United Arab Emirates. **Centre for Arab Genomic Studies**, Dubai, UAE, 2004.

Território brasileiro e povoamento. **IBGE**. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/arabes/origem-e-destino-dos-imigrantes.html>> Acesso em 28 de outubro de 2019.

THAUMATURGO, L. R. Y; SIMÕES, S. J. C; TRANNIN, I. C. B. **A construção da usina hidrelétrica de Itaipu e seu impacto sobre a urbanização de Foz do Iguaçu**. Anais XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 13 a 18 de abril de 2013.

The hajj, Islam's annual pilgrimage to Mecca, begins. **Deutsche Welle**, 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/the-hajj-islams-annual-pilgrimage-to-mecca-begins/g-49972154>>. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

The Humanitarian Data Exchange. Disponível em:<<https://data.humdata.org/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

The World Factbook. **Central Intelligence Agency**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/305.html>>. Acesso em: 5 de abril de 2019.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Editora Vozes Limitada, 2011.

TM\_WORLD\_BORDERS-0.3. **ArcGIS**. Disponível em: <<https://www.arcgis.com/home/item.html?id=ed3ae47d7bff42579936c3dabea25217>>. Acesso em: 15 de março de 2019.

TRIANDAFYLLIDOU, A. Beyond irregular migration governance: zooming in on migrants' agency. **European Journal of Migration and Law**, n. 9, p. 1-11, 2017.

TRUZZI, O. M. **Influência árabe no Brasil**. 2012. Disponível em: <<https://oestrangeiro.org/2012/12/25/influencia-arabe-no-brasil/>>. Acesso em: 2 de novembro de 2017.

TRUZZI, O. M. S. **Patricios: sírios e libaneses em São Paulo**. 1993. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280049>>. Acesso em: 18 de julho de 2019.

GREMAUD, A. P; VASCONCELOS, M. A. S; TONETO JÚNIOR, R. **Economia brasileira contemporânea**. 7. ed. São Paulo, SP: Atlas, P. 344, 2007.

VAZ, A. O. A. Procurando entender o Oriente Médio. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**, 8ª Edição, Junho de 2016 2016.

WEISSHEIMER, M. A. Jamal Juma: Primavera Árabe não ajudou Palestina. Situação é insustentável. **Carta Maior**, 2014. Disponível em:<<https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/>>

Internacional/Jamal-Juma-Primavera-arabe-nao-ajudou-Palestina-Situacao-e-insustentavel/6/30098 >. Acesso em: 30 de agosto de 2019.

World Population Prospects 2019. **UNITED NATIONS**. Disponível em: <  
<https://population.un.org/wpp/Download/Standard/Population/> >. Acesso em: 15 de março de 2019.

ZAHREDDINE, D; TEIXEIRA, R. C. A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de Setembro. **Revista de Sociologia e Política**, 2015.

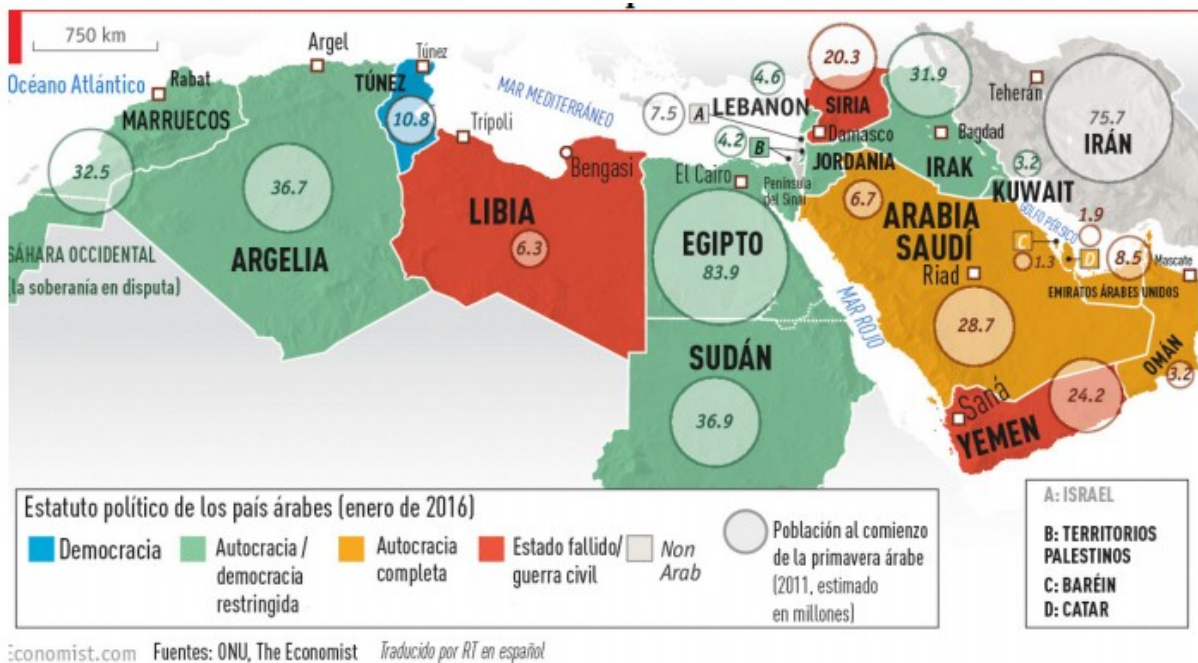
## ANEXOS

**Anexo 1** – Expansão de Israel e encolhimento de Palestina ao decorrer dos anos.



Fonte: Visualizing Palestine. Disponível em: <<https://visualizingpalestine.org/visuals/shrinking-palestine>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

**Anexo 2** – Visão geral dos resultados da Primavera Árabe em cada país (2016)



Fonte: The Economist. Disponível em: <<https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2016/01/09/the-arab-winter>>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.



## Anexo 3 – Os agentes que controlam a Síria.



Fonte: Al Jazeera. Disponível em: <<https://www.nationsonline.org/oneworld/map/syria-map.htm>>.

Acesso em: 17 de outubro de 2019.